

O Manguezal

Revista de filosofia

Caderno de
resumos da

XXXV

SEMANA DE
FILOSOFIA

A filosofia e os desafios
do mundo contemporâneo



ISSN 2674-7278

Expediente

Editores

Paloma Ferreira Alves (PPGF/UFS)

Rayane Ribeiro Dos Santos (PPGF/UFS)

Geovana Andrade Nascimento (DFL/UFS)

Yaron Amaral Freitas Magalhães (DFL/UFS)

Revisores

Paloma Ferreira Alves (PPGF/UFS)

Rayane Ribeiro Dos Santos (PPGF/UFS)

Geovana Andrade Nascimento (DFL/UFS)

Yaron Amaral Freitas Magalhães (DFL/UFS)

Capa

Yaron Amaral Freitas Magalhães (DFL/UFS)

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Deivide Garcia da Silva Oliveira (DFL/UFS)-

Coordenador Geral

Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS)- Coordenador Adjunto

Paloma Ferreira Alves (PPGF/UFS)- Mestranda

Rayane Ribeiro Dos Santos (PPGF/UFS)- Mestranda

Geovana Andrade Nascimento (DFL/UFS)- Graduanda

Yaron Amaral Freitas Magalhães (DFL/UFS)- Graduando

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
<i>Deivide Garcia da Silva Oliveira</i>	
<i>Evaldo Becker</i>	
RESUMOS.....	12
POESIA E EDUCAÇÃO EM A REPÚBLICA DE PLATÃO.....	13
<i>Alexandro C. F. Dos Santos</i>	
FILOSOFIA, FEMININO E NEGRITUDE EM MACHADO DE ASSIS.....	14
<i>Ana Beatriz Silva Moura</i>	
A METAFÍSICA DO TEMPO EM TOMÁS DE AQUINO E CHRISTINE DE PIZAN.....	15
<i>Bruno Leite Barros</i>	
UMA BREVE INTRODUÇÃO À CRÍTICA DO ESTRUTURALISMO E A QUESTÃO DA ESCRITURA EM FORÇA E SIGNIFICAÇÃO DE JACQUES DERRIDA.....	17
<i>Carlos Eduardo Dos Santos Ramos</i>	
O NEOLIBERALISMO COMO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO CAPITAL: UMA ANÁLISE MARXISTA.....	18
<i>Daniel Dias Santana</i>	
RESPONSABILIDADE COLETIVA NA FILOSOFIA MORAL, EM DESCARTES: UMA ANÁLISE SOBRE O BEM AGIR E SOBRE POSSÍVEIS FUNDAMENTOS NA LUTA CONTRA O AUTORITARISMO EMERGENTE.....	19
<i>Daniele Pacheco do Nascimento</i>	
ÉTICA E MÍSTICA EM MESTRE ECKHART: O AMOR SEM-PORQUÊ.....	21
<i>Elves Franklin Bispo de Araujo</i>	
A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO REPUBLICANO DE MAQUIAVEL NA CONTEMPORANEIDADE: O MAQUIAVEL REPUBLICANO DE CLAUDE LEFORT	22
<i>Emerson Calistro de Souza</i>	
RACIONALIDADE, INTROSPECÇÃO E NATUREZA EM MARIA FIRMINA.....	23
<i>Evaniel Brás dos Santos</i>	
A DIMENSÃO RELIGIOSA PRESENTE NAS MULTIDÕES: UMA ANÁLISE À LUZ DE GUSTAVE LE BON.....	24

Fernanda Santos da Cruz

CRISTIANISMO FEMININO E RELIGIOSIDADE LEIGA EM HELOÍSA DE ARGENTEUIL.....25

Geovanna Pereira Moura de Santana

O DEUS DE LEIBNIZ E O PRINCÍPIO DA RAZÃO SUFICIENTE: FUNDAMENTOS E IMPLICAÇÕES.....26

Guyllherme de Souza Felix da Silva

IGUALDADE EM FRANCESCO GUICCIARDINI.....27

Igor Ferreira Fontes

COMENTÁRIOS SOBRE A CRÍTICA DE ZIZEK A DERRIDA SOBRE O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA.....28

Igor Prado Reis

O BEM SUPREMO, LIBERDADE E PESSOAS NEGRAS: A EXCLUSÃO DO PARAÍSO NA TERRA.....30

Ingrid Barbosa dos Reis

CINISMO E MARXISMO-LENINISMO: QUAL O MELHOR CAMINHO PARA DISPUTAR A ÉTICA HEGEMÔNICA?.....31

Jacson Farias Rodrigues

A POLARIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO PELA DIREITA SOB A ÓTICA DA HERMENÊUTICA DE JOHN D. CAPUTO.....32

José Antonio S. de Oliveira

A INFLUÊNCIA DA TEORIA DA FORMAÇÃO DAS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO DE KARL MARX NA TEORIA DELEUZE-GUATTARIANA DAS TRÊS SÍNTESES DO INCONSCIENTE.....34

José Lino da Cruz Junior

A METAFÍSICA DA IDEIA DE MULHER EM AGOSTINHO DE HIPONA.....35

Kauã de Jesus Santos

UMA BREVE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA FRANCESA: O SARTRE DE DELEUZE.....36

Marcos Rodrigo Rabelo Amado

THOMAS HOBBS E A LINGUAGEM CRIADORA: DAS PALAVRAS AO PACTO SOBRE O MUNDO.....37

Mariana Dias Pinheiro Santos

HUMANIDADE E FEMININO EM CHRISTINE DE PIZAN.....	39
<i>Paula Monique Vieira dos Santos</i>	
TERRAS INDÍGENAS E LIBERALISMO: UMA LEITURA AO CONCEITO DE PROPRIEDADE EM JOHN LOCKE.....	40
<i>Percy Daniel Arce Santos</i>	
ESTADO DE EXCEÇÃO E ÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE: DIÁLOGO ENTRE WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN.....	42
<i>Rosângela Sousa de Almeida</i>	
NOÇÕES DE FEMININO, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE EM MARIA FIRMINA.....	43
<i>Thalita Daniel da Paixão</i>	
M. NICOLELIS E I. ZIZEK: A QUESTÃO EVOLUCIONÁRIA.....	44
<i>William de Siqueira Piauí</i>	
III SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGF.....	45
O PROBLEMA DO EVOLUCIONISMO DAS FORMAÇÕES SOCIAIS EM PIERRE CLASTRES E DELEUZE E GUATTARI.....	46
<i>André Luiz Marques de Souza</i>	
MARX E JESUS: DIÁLOGO SOBRE FÉ, JUSTIÇA SOCIAL E REVOLUÇÃO NO PENSAMENTO DE SAMUEL GOTAY.....	47
<i>Carlos Alberto Nunes Junior</i>	
IMAGEM E POLÍTICA EM JACQUES RANCIÈRE: QUANDO A IMAGEM É POLÍTICA?.....	49
<i>Clara Leite Lisboa</i>	
A “SERIEDADE DA EXISTÊNCIA” E A SABEDORIA DO RISO EM NIETZSCHE.....	51
<i>David Angelo Oliveira Rocha</i>	
A DESNATURALIZAÇÃO DO SEXO EM JUDITH BUTLER.....	52
<i>Doramis Dória Oliveira</i>	
ESCRAVIDÃO, SOCIEDADE E TEOLOGIA NATURAL EM MARIA FIRMINA DOS REIS.....	53
<i>Elizabete Matos dos Santos</i>	
BREVES NOTAS SOBRE OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DO CONHECIMENTO EM KARL POPPER.....	55

Emerson da Silva Santos

CORPO, CARNE E TECNOLOGIA: UMA LEITURA DO REAL E DO VIRTUAL A PARTIR DE MERLEAU PONTY.....56

Everaldo da Silva Reis

TEMPO CIRCULAR E HISTÓRIA EM MAQUIAVEL.....58

Filipe de Almeida Silva

OS DOIS TEMPOS DA LINGUAGEM: UMA LEITURA DA TEORIA DA LINGUAGEM LEIBNIZIANA À LUZ DA PSICANÁLISE LACANIANA.....59

Giovani Pinto Lírio Júnior

BYUNG-CHUL HAN E O ESPÍRITO DA ESPERANÇA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....60

Iuri Ribeiro dos Santos

O CONCEITO DE DEUS COMO UM ACONTECIMENTO NO PENSAMENTO DE JOHN CAPUTO.....61

Ivanilton Aragão de Moura

NO QUE CONSISTE, AFINAL, A FILOSOFIA? NOTAS SOBRE A AUTOCRÍTICA DE LOUIS ALTHUSSER.....63

José Alcides Hora Neto

NATUREZA E FORMAÇÃO FEMININA EM DAVID HUME.....64

Juliane da Mota Santos

O FIM DAS PENAS E A TEORIA DEMOCRÁTICA EM MOUFFE.....65

Laura Danielle Lima Santos

AFASIAS - DE LÉVINAS A SEXTO EMPÍRICO.....66

Laura Maria Nóbrega de Abreu

O ERUDITO E O POPULAR NA ARTE EM RANCIÈRE: SINTOMA DO REGIME REPRESENTATIVO.....67

Lucas Américo Andrade Santos

O QUE É FASCISMO NEOLIBERAL?.....68

Magno Francisco da Silva

O PEQUENO MUNDO DO RAP: COLONIALISMO CULTURAL E O ERRO DO DISCURSO PIONEIRO.....69

Marcos Roberto Santos Pereira

DO PRINCÍPIO DE INDIVIDUAÇÃO ÀS SINGULARIDADES PREINVIVIDUAIS: UMA

CONEXÃO ENTRE SIMONDON E DELEUZE.....	71
<i>Marcos Sávio Santos Aguiar</i>	
SOBRE A ÉTICA ENSINADA POR PTAH-HOTEP.....	72
<i>Nazito Pereira da Costa Júnior</i>	
A EMOÇÃO SOB A LENTE DE SARTRE: UM FENÔMENO CONSCIENTE DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO.....	73
<i>Paloma Ferreira Alves</i>	
INFLUÊNCIA DE LEIBNIZ NA MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE.....	75
<i>Rayane Ribeiro Dos Santos</i>	
O PARADOXO DE JOHN LOCKE: LIBERDADE E ESCRAVIDÃO.....	76
<i>Renata Prado Menighin</i>	
CONEXÕES ENTRE KRENAK E A EPISTEMOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS.....	77
<i>Rosangela Maia</i>	
A FILOSOFIA POLÍTICA HEGELIANA NO DEBATE CONTEMPORÂNEO.....	78
<i>Rosmane Gabriele Varjão Alves de Albuquerque</i>	
GÓRGIAS DE LEONTINOS: SOFISTA, RETOR E LITERATO.....	79
<i>Thatiane Santos Meneses</i>	
A GÊNESE DA MODERNIDADE: A DOMINAÇÃO E A TEORIA CRÍTICA EM HORKHEIMER.....	80
<i>Uilson de Meneses Hora</i>	
7º ENCONTRO DE FILOSOFIA E NATUREZA (MESAS REDONDAS).....	81
THOREAU E A FILOSOFIA DA NATUREZA NO NOVO MUNDO.....	82
<i>Douglas dos Santos Campos</i>	
A COMMODITY DA PESCA NA QUERELA MARE LIBERUM-MARE CLAUSUM DE GROTIUS E SELDEN.....	83
<i>Sizínio Lucas Ferreira de Almeida</i>	
<i>João Eduardo Colognesi Serpa</i>	
O MITO DA EXCLUSIVIDADE DA NATUREZA HUMANA: FILOSOFIA MODERNA E ANTROPOLOGIA.....	84
<i>Mauro Dela Bandera Arco Júnior</i>	
REDUÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES, RESPONSABILIDADES E SOLUÇÕES	

SUSTENTÁVEIS PARA UMA NOVA ÉTICA NO USO DAS ÁGUAS.....	85
<i>Michele Amorim Becker</i>	
<i>Saulo Henrique Souza Silva</i>	
<i>Ivan Fontes Barbosa</i>	
POR UMA NOVA ÉTICA NO USO DAS ÁGUAS.....	86
<i>Cristiano Wellington Noberto Ramalho</i>	
<i>Evaldo Becker</i>	
JORNADA “KANT 300 ANOS” (MESAS REDONDAS).....	87
KANT E A CRÍTICA À METAFÍSICA DOGMÁTICA.....	88
<i>Carlos Eduardo de Azevedo Pereira</i>	
KANT E A FISILOGIA DAS DOENÇAS MENTAIS.....	89
<i>Edmilson Menezes</i>	
O CONCEITO DE A PRIORI NO PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT: AS INTERPRETAÇÕES DE MAX SCHELER.....	91
<i>Luiza Aparecida Bello Borges</i>	
ONOMÁSTICA DAS ENFERMIDADES DA MENTE: FILOSOFIA E CURA NO ENSAIO SOBRE AS DOENÇAS MENTAIS, DE IMMANUEL KANT.....	93
<i>Victor Sávio de Oliveira Tavares</i>	
KANT E O PROBLEMA DA VONTADE.....	94
<i>Arthur Grupillo</i>	
<i>Everaldo Vanderlei de Oliveira</i>	
<i>João Alexandre de Viveiros Cabeceiras</i>	
MESAS REDONDAS DA XXV SEMANA DE FILOSOFIA.....	95
O PROBLEMA DO CRITÉRIO: JULGAMENTO E COMPROMISSO.....	96
<i>Adilson A. Koslowski</i>	
<i>Deivide Garcia da Silva Oliveira</i>	
ÉTIENNE GILSON: REFLEXÕES CONTRA A SUA APROPRIAÇÃO PELA DIREITA CONSERVADORA BRASILEIRA.....	97
<i>Cicero Cunha Bezerra</i>	
<i>Evaníel Brás dos Santos</i>	
<i>Romero Júnior Venâncio Silva</i>	
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, MARXISMO E IMPLICAÇÕES ÉTICAS. FRONTEIRAS.....	98

<i>Deivide Garcia da Silva Oliveira</i>	
<i>Luíz Manoel A. Meneses</i>	
<i>Romero Júnior Venâncio Silva</i>	
MODERNIDADE, RAÇA E COLONIALISMO.....	99
<i>Saulo Henrique Souza Silva</i>	
<i>Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro</i>	
A PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NO BRASIL: PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS E POLÍTICAS.....	100
<i>Antônio Carlos dos Santos</i>	
<i>Cristiano Bonneau</i>	
<i>Rodrigo Brandão</i>	
<i>Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro</i>	
BENTO PRADO JR. E O ENSAÍSMO FILOSÓFICO.....	101
<i>Ahmed Zogbi</i>	
<i>Matheus Hidalgo</i>	
<i>Romero Júnior Venâncio Silva</i>	
GEFILUFS: INTRODUÇÕES À FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA.....	102
<i>Cristiano Bonneau</i>	
<i>William de Siqueira Piauí</i>	
O HOMEM ANANDROS: MANIFESTAÇÃO, QUANTIFICAÇÃO E REFORMA DA VIRILIDADE NA REPÚBLICA DE PLATÃO (VIII, 548C-550C).....	103
<i>Flora Mangini</i>	
<i>Cecília Mendonça de Souza Leão Santos</i>	
PROGRAMAÇÃO COMPLETA.....	104
<i>Terça-feira (10/12/2024)</i>	
<i>Quarta-feira (11/12/2024)</i>	
<i>Quinta-feira (12/12/2024)</i>	
<i>Sexta-feira (13/12/2024)</i>	

APRESENTAÇÃO

Deivide Garcia da Silva Oliveira¹

Evaldo Becker²

O Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, em parceria com o Programa de Pós-graduação em Filosofia, realizará a XXV Semana de Filosofia da UFS, entre os dias 10 de Dezembro e 13 de Dezembro de 2024. O evento ocorrerá durante a Semana Acadêmica da UFS (SEMAC) e será totalmente presencial. O tema deste ano é: *A Filosofia e os Desafios do Mundo Contemporâneo*.

A contemporaneidade impõe desafios inéditos à humanidade, tanto em termos práticos quanto teóricos. A Filosofia, ao longo de sua história, sempre se colocou como uma ferramenta essencial para refletir criticamente sobre a condição humana e os dilemas da civilização. No século XXI, essas questões assumem novas dimensões, exigindo que pensemos sobre a natureza das transformações tecnológicas, políticas, ambientais, econômicas, sociais e éticas em curso. Entre os tópicos centrais que o tema *A Filosofia e os Desafios do Mundo Contemporâneo* convida a explorar, podemos destacar:

1. O avanço das tecnologias digitais, especialmente a inteligência artificial, robótica e biotecnologia, autonomia, liberdade e o futuro das relações entre o ser humano e a máquina.
2. A emergência climática, a justiça intergeracional, responsabilidade coletiva e o papel das nações e indivíduos na luta contra a crise ambiental tornam-se urgentes.
3. As crises políticas e econômicas contemporâneas, o aumento das desigualdades, o ressurgimento de movimentos autoritários e a fragmentação da sociedade global.
4. A globalização e as transformações culturais contemporâneas, diversidade cultural, identidade de gênero, raça e diálogos em torno da pluralidade e da convivência pacífica em um mundo globalizado.
5. A crescente desconfiança em relação às instituições científicas e à própria noção de verdade na pós-verdade.

Ao abordar esses e outros tópicos durante a XXV Semana de Filosofia da UFS, o evento se

¹ Prof. Dr. do DFL/UFS. Pós-doutor pela University of Pittsburgh and York University. Membro do grupo de pesquisa da UFS GE2C. Membro do Núcleo de sustentação do GT ANPOF - Filosofia da ciência e Membro do Núcleo de sustentação do GT ANPOF Filosofia, História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia. Membro da Sociedade Canadense em História e Filosofia da Ciência -CSHPS. Membro da International Association for Science and Cultural Diversity (IASCU). Fundador do grupo de pesquisa na UFRB: Grupo de Estudos em Filosofia, Ciência e Educação Científica (G-EFFICIENTIA). E-mail: deividegso@academico.ufs.br.

² Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo (USP) e pela Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR- Ca). Pós doutorando em Filosofia pela Université du Québec à Trois-Rivières - UQTR/Canadá. Coordenador do grupo de Pesquisa Filosofia & Natureza. E-mail: evaldobecker@gmail.com.

propõe a reunir pensadores de diversas áreas para uma reflexão coletiva sobre o papel da filosofia na interpretação e no enfrentamento dos desafios que definem o nosso tempo. A filosofia, em diálogo com as ciências e as humanidades, pode fornecer as ferramentas críticas e reflexivas necessárias para compreender e agir diante das complexidades do presente. Ademais, a XXV Semana de Filosofia contará como outros eventos como:

1. III Seminário de Pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGF-UFS.

O III Seminário de Pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF-UFS) tem como objetivo refletir sobre o fazer filosófico e o desenvolvimento da pesquisa nos tempos atuais. Durante o evento, serão apresentados os resultados das pesquisas em andamento no nosso programa, além de promover discussões sobre os desafios enfrentados pela Pós-graduação em Filosofia diante do contexto contemporâneo, tanto nacional quanto internacional.

2. 7º Encontro De Filosofia e Natureza – Por Uma Nova Ética No Uso Das Águas.

O 7º Encontro de Filosofia e Natureza tem como tema desta edição a questão: “Por uma nova Ética no Uso das Águas”. Assim como nas edições anteriores, nosso objetivo é examinar as complexas relações entre as comunidades humanas e o meio ambiente. Sob uma perspectiva filosófica e interdisciplinar, buscamos discutir e problematizar as ações humanas e seus impactos na Natureza, com foco específico nas águas do planeta. Seria este um dos problemas filosóficos centrais de nosso tempo? Eis a questão. Convidamos você a se juntar a nós na busca por respostas e propostas de intervenção reflexiva sobre a realidade contemporânea. Esse evento é organizado pelo Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS).

3. Jornada “Kant 300 Anos”.

A Jornada “Kant 300 Anos” insere-se nas comemorações dos 300 anos de nascimento de Immanuel Kant (22/04/1724). O evento celebra a pretensão kantiana de submeter à análise racional todas as dimensões da experiência humana, uma abordagem que, certamente, continua a estimular a reflexão crítica capaz de enfrentar as polarizações, os conflitos e os desafios do nosso tempo. A Jornada será organizada pelo Prof. Dr. Edmilson Menezes (DFL/PPGF/UFS) e promovida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da História e Modernidade (NEPHEM).

Agradecemos, por fim, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia pelo apoio financeiro concedido pelo Programa de Desenvolvimento e Consolidação da Pós-Graduação (PDPG/CAPES).

São Cristóvão/SE, 02 de dezembro de 2024.

RESUMOS

POESIA E EDUCAÇÃO EM *A REPÚBLICA* DE PLATÃO

Alexandro C. F. Dos Santos³

Resumo: Podemos perceber que Platão, em *A República*, busca através dos diálogos entre os personagens, tecer uma crítica ao modelo de educação mítico-poética apresentando sua proposta de construção do ele entende ser um projeto de uma cidade (*pólis*) baseada em uma formação (*paideia*) com uma perspectiva ético-política que corresponderia ao seu modelo ideal de justiça, a saber, baseada em uma visão em que a natureza (*phýsis*) corresponderia às funções próprias de cada cidadão. Nosso trabalho tem como objetivo, estabelecer as relações entre educação e poesia, em particular nos livros I, III e X de *A República* buscando, com isso, revelar o projeto platônico de reformulação da *paideia* grega até então baseada no modelo mítico-mimético. Compreender como Platão busca essa reformulação implica, diretamente, na sua crítica à poesia de Homero e Hesíodo entendendo-as como causas de um estrago significativo em uma parcela dos habitantes da cidade, em especial, os jovens. Neste sentido, o objetivo desta comunicação é apresentar os argumentos de Platão, a partir do diálogo *A República*, bem como das análises exegéticas presentes nos trabalhos de M. Vilella-Petit (2003) e Bezerra (2010).

Palavras-chave: Platão; Poesia; República; Mimese; Filosofia antiga.

³ Aluno do curso de licenciatura plena em filosofia pela Universidade Federal de Sergipe e bolsista de iniciação científica pela FAPITEC. Este trabalho é parte integrante do Projeto de PIBIC em desenvolvimento sob orientação do Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (DFL/PPGF/UFS). E-mail: alexandrochaves.163@gmail.com.

FILOSOFIA, FEMININO E NEGRITUDE EM MACHADO DE ASSIS

Ana Beatriz Silva Moura⁴

Resumo: Esta comunicação visa apresentar um estudo sobre algumas reflexões filosóficas e literárias de Machado de Assis a respeito das noções de feminino e negritude. Para tanto, partiremos da hipótese interpretativa segundo a qual Machado possui ideias maduras sobre a natureza da filosofia e a natureza da literatura. O autor, com efeito, entende que filosofia e literatura são ações racionais, raciocínios, que compõem a estrutura humana. A primeira, a filosofia, pode ser caracterizada isoladamente como raciocínio sem estética, sem contemplação. A segunda, por sua vez, a literatura, é o raciocínio atrelado com imagens mentais. As duas ações racionais, além disso, são abordadas por Machado mediante personagens mulheres e personagens negros escravos. Nesse contexto, ademais, é preciso recordar que na segunda metade do século XIX, Machado, por vezes usando o pseudônimo Max, escrevia contos e crônicas que eram destinados ao crescente público feminino, como por exemplo “o Anjo das Donzelas” publicado no Jornal das Famílias: “A mulher leitora desse tempo está caracterizada no próprio conto, na figura de Cecília, que consome romances. Cecília e outras personagens encenam uma atitude cotidiana das mulheres brancas que receberam educação suficiente para [...] ler obras em que o amor é central na vida das mulheres [...] e por meio das quais também se educam para a vida social” (BARROS, p. 11, 2021). Machado, portanto, também escrevia de acordo com os interesses reais de seu público, quer dizer, além de homens brancos letrados, também havia senhoras brancas em posição social privilegiada. Suas produções traziam inúmeras problemáticas sociais da época, como a condição feminina e a escravidão, mas com um pano de fundo político e social tão elucidativo ao ponto de abrir margens para reflexões sobre o que não se fala. Nesse sentido, por conseguinte, a abordagem sobre a pessoa negra e a escravidão nas obras machadianas em sua maioria está no campo do “não dito”. Na vida cotidiana das personagens pode-se observar menções a escravos e mucamas sem nome, sem descrição, apenas serventes invisíveis, tamanha era a naturalidade e indiferença das famílias a esse cenário.

Palavras-chave: Feminino; Literatura; Negritude.

⁴ Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail: manamour4@academico.ufs.br.

A METAFÍSICA DO TEMPO EM TOMÁS DE AQUINO E CHRISTINE DE PIZAN

Bruno Leite Barros⁵

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar algumas considerações acerca da noção metafísica de tempo presente nos pensamentos de Tomás de Aquino e de Christine de Pizan, destacando as nuances específicas acerca do termo em ambas as filosofias, o que será feito a partir das obras *Suma de Teologia* (ST) e *O Livro da Visão de Christine* (LC), respectivamente de Tomás e Christine. O tempo é entendido, metafisicamente, pelos dois pensadores a partir de noções importantes, como as ideias de movimento, de eternidade, de divindade e, por fim, de potência e ato. Assim, Tomás entende o tempo como “o número das partes do movimento, por anterioridade e posteridade” (ST, I, q. 10, a. 1, resp.) e, indo mais além no âmbito metafísico, afirma que “nada é propriamente tempo senão o instante presente” (ST, I, q. 46, a. 3, arg. 3), justificando que sempre há instante presente dando contínuo início ao tempo e lhe conferindo a natureza. Ademais, para explicar a origem ontológica do tempo, Tomás parte para a vertente argumentativa da criação (*creatio*) relacionada à divindade eterna, pois o autor defende que o tempo é criatura divina ao argumentar que o agente universal (a divindade) produz as coisas e o tempo (ST, I, q. 46, a. 1, arg. 6), e ao afirmar que “quatro coisas foram criadas simultaneamente: o céu empíreo, a matéria corporal (designada pela palavra terra), o tempo e a natureza angélica” (ST, I, q. 46, a. 3, resp.). Por outro lado, apesar de Christine não ser tão explícita acerca de sua compreensão da natureza metafísica do tempo, embora fosse uma assídua leitora de Tomás, é possível apreender um pouco do seu pensamento sobre o tempo a partir da compreensão de termos recolhidos do vocabulário tomista, como as ideias centrais de potência, de atualidade e de perfeição. Dessa maneira, a autora reflete sobre o tempo a partir de noções ontológicas relacionadas à divindade: ao discorrer sobre o primeiro princípio, Christine afirma que “[...] se há a procura sobre o primeiro simplesmente, não há dúvida de que o primeiro é perfeito, precedendo ao imperfeito, e que o feito (ato) é anterior à potência. Pois nenhuma coisa é reduzida da imperfeição à perfeição ou da potência ao feito (ato) senão por algum ente (*ens*) perfeito, isto é, por alguma coisa sendo de modo efetivo perfeita”. (LC, II, 12). E defende também que a divindade é o ente (*ens*) mais perfeito e mais primário porque é puro ato no sentido de ente absolutamente completo, logo, além do tempo, atemporal. As demais coisas do cosmo, por sua vez, se caracterizam justamente pela precedência temporal da potência com relação ao ato, quer dizer, nelas a potência precede ao ato temporalmente, e, nesse caso, a imperfeição é anterior à perfeição, pois dependem de uma coisa (*ens*) em ato, aliás, em última instância, dependem do ato de

⁵ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail: brunothelbob@academico.ufs.br.

criação divina, analogamente ao que é afirmado por Tomás.

Palavras-chave: Metafísica; Tempo; Movimento.

UMA BREVE INTRODUÇÃO À CRÍTICA DO ESTRUTURALISMO E A QUESTÃO DA ESCRITURA EM *FORÇA E SIGNIFICAÇÃO* DE JACQUES DERRIDA

Carlos Eduardo Dos Santos Ramos⁶

Resumo: Em seu texto *Força e significação*, contido no livro *A escritura e a diferença* (2009) lançado originalmente em 1967, o filósofo argelino Jacques Derrida (1930-2004), irá se debruçar sobre o estruturalismo e sua ação no campo da linguagem, se valendo da análise literária que pode ser encontrada em alguns autores que serão citados pelo mesmo como Jean Rousset (1910-2002), e que podem ser vistos como aqueles que expõe uma maneira de pensar que infecta todo o campo da cultura do pensamento ocidental, o estruturalismo. Da análise e compreensão do pensamento que está contido e do que transparece destes autores, Derrida pretende destacar como acontece as formalizações estruturalistas no campo da literatura e o apagar da força que acontece a partir de tal leitura, o esquematismo, a espacialização, a necessidade de uma totalidade escatológica que se encontra em um projeto da procura de um lugar da linguagem que nos remete aos ecos de toda uma história da metafísica. Mesmo que o estruturalismo se entenda como uma nova maneira de pensar de compreender a linguagem, o mesmo não enxerga que se mantém preso aquilo mesmo que pretende superar. A partir desta investigação, o autor pretende nos mostrar algo que se esconde nessa pretensão de totalidade, uma “abertura” que se mostra e que podemos usar para pensar a metafísica da presença que pode ser encontrada na história da filosofia, o sopro que está na linguagem, a escrita como “possibilidade impossível” de abertura que pode nos livrar da necessidade violenta de totalidade e nos dotar de uma desconfiança para com aquilo que temos de tão certo no pensamento, a escritura permite a criação e um sentido ao se confiar a um local específico que pode ser transmitido, a possibilidade de uma ruptura com a necessidade de totalidade de sentido já dado que se encontra no estruturalismo. Para fundamentar a compreensão daquilo que aqui pretende ser exposto pretendemos utilizar de alguns textos além do citado acima para nos auxiliar, do autor, como *O monolinguismo do outro*(2016), *Gramatologia*(1973) e *Torres de babel*(2002), também utilizaremos de alguns artigos feitos pelo Prof.Dr. William de Siqueira Piauí, *Ética e linguagem: uma introdução ao pensamento de Derrida e Derrida e a capacidade superior de formalização da literatura: uma introdução* e o suporte dos encontros e das pesquisas feitas pelo GEFILUFS.

Palavras-chave: Estruturalismo; Escritura; Derrida.

⁶ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). E-mail: caduuardo@academico.ufs.br.

O NEOLIBERALISMO COMO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO CAPITAL: UMA ANÁLISE MARXISTA

Daniel Dias Santana⁷

Resumo: Esta pesquisa busca compreender e investigar o neoliberalismo não só como um encadeamento capitalista que acentua os seus processos, mas também como um fenômeno que estrutura a racionalidade social de tal maneira que possibilita a constituição de um novo tipo de subjetividade. Levando em conta que a perspectiva marxista entende o trabalho humano e sua organização como fatores basilares do desenvolvimento da subjetividade, pretende-se assimilar quais são os processos do capitalismo que são exacerbados pelo neoliberalismo e quais as novas configurações econômicas, sociais e políticas que contribuem para a formação desta nova subjetividade que surge no final do século XX. Nesta discussão, o neoliberalismo propicia que a lógica produtiva do mercado no capitalismo seja transposta para as relações sociais, imprimindo, por conseguinte, um novo tipo de subjetividade que traz consigo a lógica quantitativa, a uberização do trabalho, o individualismo exacerbado, a competição como um apelo moral e a auto responsabilização. Dessa maneira, os sujeitos não se afirmam mais como cidadãos, mas sim como empresários de si mesmos. Assim, o objetivo principal desta pesquisa é investigar filosoficamente o neoliberalismo como uma forma de subjetivação, abrangendo o tipo de subjetividade proposta pelo capitalismo neoliberal e sua relação com os contextos sociais e políticos contemporâneos. A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e conceitual a partir do estudo de autores que permitiram contribuir com a discussão sobre os processos de subjetivação do capitalismo neoliberal. Neste sentido, a bibliografia utilizada busca embasar os estudos acerca do debate sobre o neoliberalismo e o tipo de subjetividade advindo de seus processos. Os resultados esperados são a fomentação acadêmica das discussões sobre o neoliberalismo e os fenômenos que implicam esta nova subjetividade no capitalismo, buscando compreender como esta se desenvolve e constroi a racionalidade social e o imaginário coletivo que assimila os indivíduos na contemporaneidade. Por fim, pretende-se entender as implicações do capitalismo neoliberal na forma em que as relações sociais e políticas são estabelecidas neste novo contexto, como também o tipo de sujeito que é constituído a partir da configuração neoliberal da sociedade capitalista.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Subjetividade; Marxismo.

⁷ Universidade Estadual de Feira de Santana. Orientação do Prof. Dr. Laurenio Leite Sombra, professor efetivo da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: diasdaniel2001@outlook.com.br.

RESPONSABILIDADE COLETIVA NA FILOSOFIA MORAL, EM DESCARTES: UMA ANÁLISE SOBRE O BEM AGIR E SOBRE POSSÍVEIS FUNDAMENTOS NA LUTA CONTRA O AUTORITARISMO EMERGENTE

*Daniele Pacheco do Nascimento*⁸

Resumo: Descartes introduz uma estruturação de argumentos e princípios que estabelecem a razão como norteadora para o conhecimento, rompendo com a tradição tomista-aristotélica. No âmbito da epistemologia, a substância pensante detém o protagonismo e, nesse caso, as faculdades da razão, a saber, entendimento e vontade, vão possibilitar o assentimento a ideias claras e distintas ou falharão nesse processo. No entanto, no que concerne à conduta da vida prática, embora a razão (substância pensante) seja determinante na tentativa de se afirmar os melhores julgamentos, o corpo também atua de maneira necessária e específica, considerando a lida com os outros, consigo mesmo (conhecimento de si) e com o mundo: a Moral é uma ciência que engloba o composto. Desse modo, embora Descartes nos exponha uma abordagem inovadora, considerando o pensamento filosófico e científico, que pode ser caracterizada pelo foco na autonomia do sujeito e na fundamentação racional de conhecimentos (no âmbito epistêmico) – como geralmente é conhecido –, buscamos mostrar que, de maneira pouco discutida, no que tange às suas ponderações acerca da vida prática, o filósofo estabelece uma visão nada individualista. Por essa perspectiva, nós somos PARTE: da Terra, do Estado, da sociedade, da família (AT IV, 293; CSMK III, 266). Como partes, somos cidadãos do mundo e devemos cultivar a racionalidade, agindo de acordo com ela, porém em uma visada, em parte, distinta da que abrange a epistemologia. Visando as melhores ações, além de agir segundo princípios racionais, é preciso que a paixão-virtude generosidade esteja presente em nosso processo deliberativo para que tenhamos o controle dos nossos desejos de tal modo que abduquemos de nossos interesses, em prol da ordem do mundo (desde que com medida e discrição - AT IV, 293; CSMK III, 266). Parece que Descartes entende o bem atrelado à justiça e buscamos nos debruçar sobre esse ponto. Esse aspecto nos coloca diante de uma relação mais profunda quanto ao comprometimento humano: o indivíduo parece se deparar com a necessidade de se comprometer com a própria racionalidade e com a própria corporeidade, na busca de paulatinamente conhecer, conforme o entendimento de Descartes. Essa relação, porém, se estende à outras pessoas, considerando o processo deliberativo delas enquanto composto, na lida com o mundo. Considerando esses tópicos, buscamos fazer uma análise sobre o que seriam os melhores julgamentos morais, considerando a

⁸ Pós-doutoranda pelo PPGLM/UFRJ – FAPERJ. Orientadora: Prof. Dr. Ethel Menezes Rocha. Coorientador: Prof. Dr. Antonio Frederico Saturnino Braga. E-mail: danielepacheco43@gmail.com.

razão e a generosidade como norteadores dos princípios do bem agir. Nosso objetivo envolve apontar como esses norteadores podem ser basilares na luta contra o autoritarismo emergente – o que abrangeria a necessidade de equilibrar os interesses individuais pelos da coletividade. Discorreremos sobre como poderíamos seguir a racionalidade, em sistemas autoritários, identificando o bem e agindo em conformidade com ele, considerando a filosofia de Descartes, e também sobre a possibilidade da afirmação da própria liberdade, nesses casos.

Palavras-chave: Moral; Descartes; Autoritarismo.

ÉTICA E MÍSTICA EM MESTRE ECKHART: O AMOR SEM-PORQUÊ

*Elves Franklin Bispo de Araujo*⁹

Resumo: A presente pesquisa pretende explorar as relações entre mística e ética em Mestre Eckhart no que se refere a uma possível existência de uma ética da incondicionalidade do amor como fundamento do agir do homem. Para tanto, o esforço será de estabelecer as consequências do desprendimento eckhartiano e mostrar as implicações do homem em relação ao outro. Partimos da interpretação que o projeto construído pelo dominicano em suas obras aponta para compreender tanto a vida quanto a realidade divina a partir do homem mesmo e não de algo que lhe seja externo. Nesse sentido, o desprendimento proposto pelo filósofo é chave para se compreender o anseio do homem em se fazer uno com o Uno. Essa experiência é possível quando, segundo Eckhart, o homem assume uma postura de vida na qual a nada se apega, vive totalmente desprendido, inclusive de si mesmo. É aqui que chegamos no conceito de viver uma “vida sem porquê”, o que não significa viver irresponsavelmente, mas é um viver que mesmo possuindo coisas, viver como se nada possuísse. Esse trabalho estará pautado na análise hermenêutica, na exposição e compreensão dos textos originais do autor, bem como nas bases filosóficas (neoplatônicas) de sua obra e na confrontação da fortuna crítica sobre o Mestre. Como conclusão, apresentaremos a especulação mística eckhartiana no que concerne ao papel da linguagem negativa, não como um mero recurso linguístico, mas como uma proposta de estilo de vida que culmina no ato de filosofar sobre os limites do próprio pensamento.

Palavras-chave: Neoplatonismo; Ética; Mística; Eckhart.

⁹ Graduado em Pedagogia pela Faculdade Geremário Dantas (2019), em Filosofia pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais (2020) e em História pela Universidade Estácio de Sá (2024); mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (2024) e graduando em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe (2020). E-mail: elvesfranklin@outlook.com.

A RECEPÇÃO DO PENSAMENTO REPUBLICANO DE MAQUIAVEL NA CONTEMPORANEIDADE: O MAQUIAVEL REPUBLICANO DE CLAUDE LEFORT

*Emerson Calistro de Souza*¹⁰

Resumo: O Maquiavel republicano apresentado por Claude Lefort (1924-2010) na obra *Le Travail de L'œuvre, Machiavel*, publicada em 1972, é, sem sombra de dúvida, a interpretação de maior originalidade da obra política do florentino na contemporaneidade, pois Lefort situa o conflito entre humores de grandes e do povo como fundamento da teoria republicana de Maquiavel (1469-1527). De acordo com Lefort, Maquiavel é o primeiro pensador republicano a identificar que o fundamento da experiência política tem por base um antagonismo fundamental, uma “oposição constitutiva do político”, demarcada por dois desejos intrinsecamente políticos, os grandes desejam dominar e oprimir o povo e o povo, por sua vez, deseja não ser dominado nem oprimido pelos grandes. Nosso objetivo, nessa breve leitura do Maquiavel republicano de Claude Lefort, consiste em situar a via interpretativa aberta por Lefort enquanto exegese capaz de provocar o leitor à interrogar se acerca do papel da filosofia política na interpretação e no enfrentamento do maior desafio do pensamento político na contemporaneidade, a saber: o de construir uma oposição efetiva ao ressurgimento de movimentos autoritários.

Palavras-chave: República; Claude Lefort; Maquiavel.

¹⁰ Mestre e Doutor em Filosofia da História e Modernidade pelo PPGF da Universidade Federal de Sergipe. Licenciado em Filosofia pela mesma instituição. Servidor público (Professor de Filosofia) da SEED-SE. Advogado especialista em Direito do Estado. E-mail: emersoncalistro82@hotmail.com.

RACIONALIDADE, INTROSPECÇÃO E NATUREZA EM MARIA FIRMINA

*Evaniel Brás dos Santos*¹¹

Resumo: O escopo desta comunicação consiste em apresentar uma característica bastante marcante nas obras literárias de Maria Firmina, qual seja: a constante reflexão racional da pessoa com relação ao seu próprio interior, a autorreflexão. Seguindo os textos de Maria Firmina, constatamos que a autorreflexão se instaura na medida em que o ser humano observa as entidades naturais e, gradativamente, numa espécie de movimento em espiral, se percebe, se pensa e se descobre enquanto pessoa (eu) distinta das demais entidades naturais. Maria Firmina, ela mesma, portanto, indaga sobre o que é a racionalidade, quais seriam suas formas centrais de manifestação e, em que medida há ou não função introspectiva e sócio-política para ela. É justamente porque a autora se questiona sobre a natureza da razão e, conseqüentemente, sobre a natureza mesma da literatura e suas manifestações, que é possível encontrar aspectos filosóficos em suas obras. Firmina entende que, dentre outras definições, a razão é uma parcela da divindade no ser humano: “Se em razão do homem não houvesse um quê que se lembra a cada hora, um Deus, e que nos diz em nós existe parcela desse mesmo Deus [...]”. (*Álbum Íntimo*, p. 58). Ora, “parcela” é um nome possível, em literatura e em filosofia, para o conceito abstrato de “participação”, isto é, ser ou possuir de modo restrito o que outrem é ou possui de modo total. Nesse sentido, sem subtrair nada do conteúdo literário desse pequeno excerto – e de outros – é possível compreender que, no excerto, o termo “Deus” denota a ideia de razão em si mesma, a razão enquanto razão, a razão total e ilimitada, sendo a razão humana uma parte ou parcela da razão total, uma participação limitada na razão ilimitada. A razão, portanto, é o diálogo, tanto a razão em si mesma como a razão humana. E “diálogo” é interação com outrem, consigo mesmo ou não, é o que Firmina quer dizer com a expressão “que nos diz”. A razão humana ou a divindade, assim sendo, é uma voz interior; é a possibilidade da consciência constante, nas palavras da autora “um quê que se lembra a cada hora”.

Palavras-chave: Consciência; Pessoa; Contemplação.

¹¹ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: evanielbras@academico.ufs.br.

A DIMENSÃO RELIGIOSA PRESENTE NAS MULTIDÕES: UMA ANÁLISE À LUZ DE GUSTAVE LE BON

*Fernanda Santos da Cruz*¹²

Resumo: Ao analisar o cenário político brasileiro dos últimos anos, nota-se um avanço inquestionável de movimentos autoritários e com tendências ao fascismo. O que esse fenômeno tem em comum com outros movimentos pelo globo é justamente a presença de uma multidão guiada essencialmente pelas emoções e que segue irracionalmente um líder, o qual utiliza mecanismos como a propaganda e a sugestão para controlar e manipular as massas. Dessa forma, dado o contexto atual em que as multidões ganham papel importante no cenário político, cabe uma análise à luz da psicologia social, de modo que seja possível ao fim do texto compreender os perigos dos avanços de grupos políticos extremistas com tendências fascistas. Assim, a fim de explicar os avanços desse fenômeno, apresentarei a obra *Psicologia das Multidões* (1895), de Gustave Le Bon (1841-1931), autor cujas ideias não somente inauguraram os estudos da psicologia social, como também impactaram a vida política no século XX, chegando a influenciar líderes fascistas como Hitler e Mussolini, de maneira que ainda refletem as conjunturas atuais, sobretudo quando se pensa em como se comportam as multidões contemporâneas. Diante disso, a partir da leitura da obra de Le Bon, o presente trabalho tem três objetivos principais, a saber: i) apresentar como se caracterizam as multidões e como estas são sugestionadas a praticar atos violentos; ii) identificar os aspectos religiosos que constituem as multidões e, por fim, iii) mostrar a relação entre as multidões e os avanços de regimes políticos com tendências fascistas.

Palavras-chave: Multidões; Religião; Gustave Le Bon.

¹² Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente pesquisa em Projeto de Iniciação Científica intitulado *A política e o campo das aparências: o fascismo como forma de religião*, sob orientação do Prof. Dr. Antônio José Pereira Filho (DFL/PPGF/UFS). Email para contato: fernandacruz.sdc210@gmail.com.

CRISTIANISMO FEMININO E RELIGIOSIDADE LEIGA EM HELOÍSA DE ARGENTEUIL

Geovanna Pereira Moura de Santana¹³

Resumo: O propósito deste estudo é apresentar a comparação estabelecida por Heloísa de Argenteuil entre a religiosidade leiga e a prática cristã de mulheres monjas que residiam no convento do Paraclete na França do século XII. Para tanto, analisaremos a *Carta V* escrita por Heloísa com o objetivo de defender a criação de uma regra religiosa especificamente feminina, um procedimento, segundo a própria autora, negligenciado pelos chefes do cristianismo desde sua fundação. A comparação feita por Heloísa, além disso, nos conduz a formular algumas questões a respeito da natureza ou essência da religião e da prática religiosa, quer dizer, conforme Heloísa, o que significa propriamente a experiência religiosa? Há alguma diferença marcante entre a experiência religiosa mediada pelos ritos eclesiais e a experiência religiosa sem tais ritos? Há aspectos antropológicos e morais na experiência religiosa? Tais questões, dentre outras, ganham relevância quando percebemos a função argumentativa estabelecida por Heloísa quando se refere às figuras do Antigo Testamento ao longo da *Carta V*, como por exemplo, Abraão, Davi, Jó e, especialmente, o patriarca Jacó designado pela própria autora como “Santo/Beato Jacó” (*sancti/beati Iacob*). Por certo, como se sabe, a palavra “santo/beato” não necessariamente evoca um título eclesial instituído pela Igreja Católica, sobretudo quando se trata de pessoas que viveram antes de Cristo. Nesse sentido, ao que parece, ao empregar a palavra “santo/beato” para se referir a Jacó, Heloísa tem em mente características antropológicas e morais adquiridas por Jacó a partir de sua experiência pessoal com a divindade. Nesse sentido, é possível que nossa autora esteja pensando na essência da experiência religiosa que pode ser alcançada pelas mulheres, uma vez que, como todos sabem, jamais a cristandade católica permitiu o ordenamento presbiteral para o sexo feminino. Portanto, a nosso ver, há muito elementos na religiosidade dos leigos (*laicorum religio*) que servem como base para a defesa do feminino por parte de Heloísa.

Palavras-chave: Feminino; Religião; Laicidade.

¹³ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail: geovannamoura@academico.ufs.br.

O DEUS DE LEIBNIZ E O PRINCÍPIO DA RAZÃO SUFICIENTE: FUNDAMENTOS E IMPLICAÇÕES

*Guyllherme de Souza Felix da Silva*¹⁴

Resumo: Apresente uma proposta de comunicação com o objetivo de realizar uma breve análise do conceito de Deus na filosofia leibniziana, tendo como base a obra discurso de metafísica e outros textos correlatos. Para o autor moderno, ao observarmos o mundo, percebemos que é sempre possível encontrar uma razão para que as coisas sejam como são e para a ocorrência dos fatos. Leibniz expressa que, se alguém traçasse uma série de pontos em um papel, isso poderia parecer uma ação ao acaso apenas em aparência, pois seria possível identificar uma equação que demonstrasse a ordem desses pontos. Da mesma forma, seria viável revelar uma função matemática em sua representação gráfica. Esse raciocínio é denominado por ele de princípio da razão suficiente. Com esse conceito, Leibniz busca sustentar a ideia de que tudo tem uma razão. O mundo, desde sua origem até o presente, seria constituído por fatos absolutamente racionais, remetendo à origem racional deste plano. No contexto da filosofia de Leibniz, essa ideia conduz à noção de Deus, um conceito recorrente no período moderno da filosofia, com diferentes abordagens conceituais entre pensadores como Descartes e Espinosa. Leibniz constroi seu conceito de Deus como um ser absolutamente racional, sendo este o ponto de partida para a investigação de algumas de suas características principais. Dessa forma, a presente comunicação tem como objetivo analisar como Leibniz conecta o princípio da razão suficiente à noção de Deus, formando um dos pilares fundamentais de sua metafísica.

Palavras-chave: Deus; Princípio da razão suficiente; Metafísica.

¹⁴ Graduado em Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: guyllhermefelix@yahoo.com.

IGUALDADE EM FRANCESCO GUICCIARDINI

Igor Ferreira Fontes¹⁵

Resumo: Esta comunicação é fruto da pesquisa desenvolvida no doutorado e tem por objetivo expor a concepção de igualdade definida pelo filósofo Francesco Guicciardini. Para tanto, utilizar-se-ão dois textos de uma fase mais madura do autor, nos quais pode-se encontrar uma proposta de definição do termo: o *Dialogo del reggimento di Firenze* e *La decima scalata*. Em ambos os textos Guicciardini define o termo não com base apenas em uma conceituação positiva, mas, concomitantemente, também de forma negativa: ao definir a igualdade em termos estritamente jurídicos, o próprio teórico trata de esclarecer que rejeita outras concepções de igualdade existentes em seu tempo, como as igualdades de riquezas (segundo a qual os homens deveriam ser todos iguais quanto a seus bens) e a política (segundo a qual os cidadãos deveriam participar igualmente do governo da cidade). Esse duplo processo de conceituação positiva e negativa demonstraria que Guicciardini estaria ciente das diversas acepções que o termo assumiria em seu momento e estaria tomando o cuidado de não ser confundido com outros pensadores de sua época que falariam de igualdade em um sentido mais largo que o jurídico/civil. A limitação de tal conceito aos termos jurídicos/civis e a consequente rejeição das outras concepções de igualdade fundar-se-ia em dois aspectos fundamentais da argumentação guicciardiniana: primeiro, que a conservação dos bens dos cidadãos seria um dos principais elementos para a fundação das repúblicas, de modo que a noção de igualdade de riquezas seria contrária aos princípios basilares da própria organização política; segundo, que os homens possuiriam *gradi* diferentes, os quais resultariam em riquezas diferentes e posições diversas na cidade, de modo que desejar igualar todos em riquezas ou nas magistraturas seria desconsiderar a maior ou menor capacidade que cada um teria no exercício de tais funções. Trata-se, em suma, de um argumento aristocrático que atenderia à exigência da igualdade de direitos, mas que preservaria as demais formas de desigualdade entre os cidadãos, nomeadamente, as de riquezas e política.

Palavras-chave: Guicciardini; Igualdade; Desigualdade.

¹⁵ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Mestre e formado em Filosofia – Licenciatura pela mesma universidade. Professor no Instituto Federal de Sergipe (IFS). E-mail para contato: igor-fontes@outlook.com.

COMENTÁRIOS SOBRE A CRÍTICA DE ZIZEK A DERRIDA SOBRE O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA

Igor Prado Reis¹⁶

Resumo: Os filósofos Jacques Derrida (1930 – 2004) e Žižek (1949 – atualmente) possuem importantes contribuições ao debate sobre a violência, neste sentido, parece importante compreender de que modo os autores aplicam suas respectivas críticas da ideologia a este debate. Veremos, então, que entre esses pensadores se estabelece uma discordância considerável acerca da relação entre violência e alteridade. Apesar de ambos investigarem este mesmo problema a partir das contribuições marxistas no que diz respeito à ideologia, 1) o primeiro parece sustentar um discurso de elogio à tolerância frente à alteridade que não condiz com a teoria marxista da luta de classes, 2) o segundo, apesar de seu peculiar comportamento de transitar entre as teorias de Hegel, Marx e Lacan, parece apropriar-se das três correntes para fundamentar sua crítica do discurso tolerante. Desta forma, a adoção de uma ontologia baseada na psicanálise lacaniana parece ter consequências consideráveis que vão se refletir numa diferente concepção ética da violência, o que separa Derrida e Žižek. Este último difere-se, portanto, da hospitalidade à alteridade que advém do relativismo pós-estruturalista de Derrida, pois busca afirmar através da psicanálise lacaniana a existência de um Real que é constante e subsiste às diversas possibilidades de simbolização, ainda que epistemologicamente recheado de lacunas que preenchamos com ideologia - não sendo diferente no caso da violência e da ética. Assim, a partir de sua admissão de um Real por trás dos discursos, o esloveno busca investigar o que está recalcado neste caso, no discurso da tolerância em sua obra *Violência*. Em sua organização *O mapa da ideologia*, por exemplo, vemos que ele parece sustentar que a lacuna onto-epistemológica do Real não apreensível não induz a uma ética de respeito máximo à alteridade ou a impossibilidade de um Real existente, aspectos este que parece importante investigar para compreendermos sua crítica a Derrida. Nesse complexo diálogo onde coexistem momentos de discordância e aproximação, sustentamos que ambos parecem concordar que o discurso de tolerância não condiz com um discurso de luta de classes, o que talvez explique a divergência dos autores quanto à teoria marxista: enquanto Derrida renúncia à teoria de Marx em virtude de uma defesa da alteridade e diversidade de pensamentos, o esloveno Žižek parece não ver esta intolerância – esse caráter hegemônico do marxismo – como uma barreira, mas sim como seu motor que pretende um ideal universalista – não é sem razão, por exemplo, que a principal

¹⁶ Graduado em Direito pela UNIT-SE e discente de Filosofia na Universidade Federal de Sergipe (DFL). Orientador: William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). Email: ipreis2000@gmail.com

organização marxista se intitulava “A Internacional”, escreve o desconstrucionista – ou seja, sua inescapável forma ideal do pensamento marxista. Desta maneira, através da oposição entre os filósofos, buscamos interpretar a seguinte pergunta: a tolerância é uma causa ou uma solução do problema da violência? Tal visão antinômica parece estar muito presente numa leitura em paralelo dos filósofos, pretendemos investigar brevemente nesta exposição, respectivamente, sobre a natureza da ética: a atitude ética é uma atitude de abertura ao porvir em sua alteridade ou uma restrição à alteridade do porvir?

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea; Violência; Estruturalismo.

O BEM SUPREMO, LIBERDADE E PESSOAS NEGRAS: A EXCLUSÃO DO PARAÍSO NA TERRA

*Ingrid Barbosa dos Reis*¹⁷

Resumo: Tendo em vista os acontecimentos dos últimos 135 anos em toda a estrutura brasileira e mundial, o racismo permanece como uma força atroz que perdura até os dias atuais. Pensar no racismo contemporâneo nos leva a refletir sobre como um fenômeno tão desumano conseguiu enraizar-se profundamente na sociedade, a ponto de ser impossível imaginar um ser humano completamente ileso das amarras racistas e eugenistas impostas ao longo dos séculos. Para além disso, o racismo atual apresenta-se de maneira mais sutil, inserido nos demarcadores invisíveis da sociedade. Ele se manifesta em situações cotidianas, como um segurança que segue uma pessoa negra em uma loja, e até mesmo na forma como as relações amorosas são estabelecidas. Dentro desse viés contemporâneo, o seguinte trabalho tem como objetivo analisar como as bases do racismo estrutural se consolidaram a partir de eventos históricos específicos, com foco no impacto das revoluções ocidentais nos escravos africanos de São Domingos, atual Haiti. A análise parte do movimento revolucionário haitiano, que buscou liberdade e autonomia em um contexto marcado pela hipocrisia das potências coloniais, que proclamavam ideais de igualdade enquanto perpetuavam a opressão. Este estudo utiliza como referências o capítulo 3 de *Inimigos Íntimos da Democracia* de Tzvetan Todorov, que discute as contradições nas democracias ocidentais, e *Os Jacobinos Negros* de C.L.R. James, que narra a Revolução Haitiana como um marco de resistência negra. Além disso, abordarei as contribuições de Condorcet, um dos poucos pensadores iluministas que defenderam de forma consistente a igualdade racial e os direitos humanos. Ao final, o trabalho examina como o racismo persiste de forma estrutural até os dias de hoje, destacando a sutileza de seus mecanismos contemporâneos e seu impacto nas dinâmicas sociais, econômicas e políticas, evidenciando as raízes históricas dessa opressão e suas implicações para o mundo atual.

Palavras-chave: Racismo; Haiti; Condorcet.

¹⁷ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS). E-mail: ingridreis007@gmail.com.

CINISMO E MARXISMO-LENINISMO: QUAL O MELHOR CAMINHO PARA DISPUTAR A ÉTICA HEGEMÔNICA?

*Jacson Farias Rodrigues*¹⁸

Resumo: O presente trabalho almeja estudar com um pouco mais de profundidade duas escolas éticas hoje minoritárias, que, por serem opostas à ética capitalista, podem disputar corações e mentes na atual quadra histórica, quais sejam: o cinismo e o marxismo-leninismo. Inicialmente, falaremos um pouco de cada corrente. Ao tratar do cinismo, o texto trará à baila sua figura mais emblemática na Grécia Antiga, qual seja: Diógenes, o cão. Pelo que se conta, Diógenes vivia em um barril na condição de verdadeiro maltrapilho, se colocando - tanto do ponto de vista da teoria, quanto da prática - à margem da sociedade. Ademais, a ética cínica de Diógenes é concebida como individual, eis que não busca uma articulação coletiva. Por outro lado, ao abordar o marxismo, o trabalho se debruçará sobre a interpretação da teoria de Karl Marx vivida e realizada por Vladimir Ilitch Ulianov (Lênin), eis que ele foi quem primeiro deu concretude ao marxismo. A ética marxista, ao contrário da ética cínica, é coletiva, pressupõe, portanto, a formação de um grupo, até porque o marxismo entende que para se fazer frente ao modo de produção dominante é necessário ter o apoio da maioria da sociedade, somente assim é possível fazer a disputa pela hegemonia do poder político. No aspecto histórico, o trabalho irá expor que não há dados de que Diógenes se organizou coletivamente e, muito menos, liderou qualquer levante contra “Alexandre – o Grande”, até porque sua ética sempre foi individual. Na outra ponta, Lênin enfrentou o bom combate, perdeu muitas vezes, ao final triunfou em outubro de 1917, tendo, por conta disso, a oportunidade de governar, mesmo que brevemente, o seu país. Após estabelecer relações entre as duas éticas minoritárias, o texto apontará qual a melhor ética para combater a atual ética do capital, qual corrente propicia o surgimento de uma forma de agir coletiva que coloque em primeiro plano o ser humano, ao contrário do proceder ordinário da ética capitalista, a qual coloca, no mais alto grau de valor dentro do sistema político-econômico-social, o lucro.

Palavras-chave: Ética; Cinismo; Marxismo-leninismo.

¹⁸ Aluno do curso de licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva (DFL/ PPGCR/UFS) . E-mail: jacsonfariasadv@yahoo.com.br.

A POLARIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO PELA DIREITA SOB A ÓTICA DA HERMENÊUTICA DE JOHN D. CAPUTO

José Antonio S. de Oliveira¹⁹

Resumo: A polarização crescente na política brasileira se revela especialmente no uso estratégico da religião pela direita, um fenômeno que reflete a busca por reforçar valores conservadores e ampliar a adesão popular mediante um apelo simbólico e moral. A filosofia hermenêutica de John D. Caputo, que propõe uma religiosidade voltada ao “evento” – um encontro com a alteridade que desafia limites dogmáticos – oferece uma lente crítica para se compreender esse fenômeno. A apropriação do discurso religioso pode ser interpretada, segundo Caputo, como um desvio da essência plural e inclusiva da experiência religiosa, distorcida em prol de um discurso autoritário e excludente que reforça divisões e limitações. Caputo desenvolve sua filosofia hermenêutica em torno do conceito de “religião sem religião”, no qual a experiência de Deus e da fé não está nas estruturas de poder, mas na abertura radical a uma justiça que se dá no acolhimento do "outro". A partir dessa abordagem, a instrumentalização do discurso religioso pela direita brasileira é lida como uma tentativa de contenção e controle, que ressignifica a prática da fé e esvazia seu caráter ético e emancipador. O discurso político-religioso, ao se fixar em valores rígidos, converte-se em um ato de “idolatria” do poder, contrastando com a incerteza e a hospitalidade ao “impossível” que Caputo considera centrais à religiosidade autêntica. Esse desvio revela-se também nas fronteiras que a religião institucionalizada traça para delimitar um campo de ação político-ideológico em que o “outro” é rechaçado e a moral é apropriada como instrumento de dominação. O conceito de Caputo propõe uma desconstrução dessa abordagem, sugerindo que a verdadeira fé não admite as absolutizações ou verdades dogmáticas, mas emerge como um ato de resistência ética que se abre a novas possibilidades e à responsabilidade infinita para com o próximo. Nesse sentido, a polarização atual no Brasil reflete uma ruptura entre a religiosidade autêntica e uma expressão de fé contaminada pelo poder, convertendo o discurso religioso em um veículo de divisão que restringe o encontro com o sagrado ao fechamento identitário. Sob essa ótica, Caputo encoraja uma “teologia fraca” – uma religiosidade que abraça o incerto e o indeterminado – e que pode servir de inspiração para uma política menos polarizada, onde o papel da religião estaria em suscitar questionamentos éticos e não

¹⁹ Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail para contato: antoniolliver@gmail.com.

em legitimizar poderes. A análise caputiana assim destaca a necessidade de reavaliação do papel da religião na sociedade e questiona o uso do discurso religioso como mecanismo de controle, propondo uma abertura que convida à solidariedade e ao respeito em vez de dominação.

Palavras-chave: Polarização; Fundamentalismo; Discurso Religioso.

A INFLUÊNCIA DA TEORIA DA FORMAÇÃO DAS ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO PRODUTIVO DE KARL MARX NA TEORIA DELEUZE-GUATTARIANA DAS TRÊS SÍNTESES DO INCONSCIENTE

*José Lino da Cruz Junior*²⁰

Resumo: O propósito do nosso presente trabalho é proceder à analogia entre a teoria marxista da formação das etapas do desenvolvimento produtivo e as três sínteses do inconsciente de Deleuze e Guattari. Lançando mão de tal analogia, visamos analisar a influência que Karl Marx exerceu na elaboração da teoria do inconsciente maquínico dos filósofos franceses acima aludidos. O nosso percurso argumentativo será da seguinte forma: primeiramente abordaremos a nova concepção de inconsciente estabelecida por Deleuze e Guattari a partir da obra *O anti-Édipo*; e subsequentemente explanaremos como os desdobramentos daquelas sínteses se assemelham com as etapas supramencionadas do desenvolvimento produtivo.

Palavras-Chave: Inconsciente; Produção; Máquina.

²⁰ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS. Orientador: Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/ PPGF/UFS). E-mail: joselinodacruzjunior@gmail.com.

A METAFÍSICA DA IDEIA DE MULHER EM AGOSTINHO DE HIPONA

*Kauã de Jesus Santos*²¹

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo explorar e analisar a noção de feminino na filosofia de Agostinho de Hipona, buscando compreender como ele elabora uma metafísica da ideia de mulher. A análise se baseia em seus argumentos apresentados na obra *A cidade de Deus*, livro XII, capítulo 17. Com efeito, Agostinho discute a seguinte questão, a saber: “se os corpos das mulheres ressuscitarão mantendo-se no seu sexo”, e utiliza conceitos fundamentais como “vício”, “natureza” e “criatura”. Esses conceitos são centrais para desvendar a visão agostiniana sobre o papel da mulher no plano divino, buscando uma abordagem que, embora se enraíze na interpretação bíblica, permite uma interpretação filosófica autônoma. Para Agostinho, o “vício” é aquilo que corrompe a natureza humana, originando-se da concupiscência, que surge do pecado original e representa a inclinação desordenada para satisfazer desejos. “Natureza”, por sua vez, designa, por um lado, a essência do ser humano, a espécie, vista como uma criação divina feita à imagem e semelhança da divindade e, por outro lado, a causalidade cósmica, isto é, a força da matéria e da forma presente no corpo celeste e nos quatro elementos, terra, água, ar e fogo. Nesse contexto, enquanto criatura divina, a mulher possui uma natureza destinada a cumprir um propósito divino: não como uma figura que corrompe o homem, mas como uma presença que o complementa em sua vida terrena, razão pela qual em si mesmo, enquanto criatura, o feminino é bom, assim como são boas as demais entidades cósmicas. A compreensão desse pressuposto é essencial para que se elucidem as noções filosóficas de Agostinho sobre a feminilidade. A análise também recorre a passagens das *Confissões* onde Agostinho explora a noção de feminino de maneira mais abrangente, como por exemplo, *Confissões*, livro XIII, capítulo 32, texto no qual ao abordar a relação entre homem e mulher é afirmado que, embora ambos compartilhem uma essência racional e intelectual, o corpo da mulher é submetido ao corpo masculino, abrindo espaço, a nosso ver, para uma leitura crítica de sua antropologia, oportunidade na qual podemos oferecer uma compreensão da concepção agostiniana sobre a mulher, além de contribuir para debates sobre a feminilidade na filosofia.

Palavras-Chave: Feminino; Agostinho; Metafísica.

²¹ Graduando em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: kauajesuss@academico.ufs.br.

UMA BREVE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA FRANCESA: O SARTRE DE DELEUZE

*Marcos Rodrigo Rabelo Amado*²²

Resumo: René Descartes (1596-1650), é dito por Edmund Husserl (1859-1938), em sua Conferências de Paris, como o maior pensador da França. Se até hoje essa afirmação ainda se faz verdadeira é uma questão muito particular para cada pesquisador. No entanto, é inegável, para qualquer um de nós, a importância fundamental das obras cartesianas no desenvolvimento da filosofia contemporânea francesa. Todo esse valor se deve pelo fato de que foi Descartes quem primeiro abriu o campo para as reflexões acerca do Ego e da consciência. Além de toda a modernidade ter refletido sobre a temática, Locke (1632-1704), Leibniz (1646-1716), Kant (1724-1804) etc. A filosofia contemporânea francesa, tendo em vista Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Gilles Deleuze (1925-1995), não abandonou esse complexo tema. De outro modo, buscaram, a partir de suas próprias prerrogativas e leitura da tradição, trabalhar esses e outros problemas que os circundam como, por exemplo, o problema do campo transcendental. Se a ligação entre Husserl e Descartes é afirmada pelo próprio alemão, a proximidade entre Deleuze e Sartre é feita de modo parecido. Deleuze publica, em 1964, um breve texto intitulado Ele foi meu mestre no qual, para além de todas os elogios, esse apresenta Sartre como aquele responsável por mostrar a uma geração emergente novos temas e problemas a serem trabalhados. Não só isso, para Deleuze, Sartre também arquitetou um inédito modo de tratar e fazer filosofia tendo “uma maneira polêmica e agressiva de levantar os problemas”, na mesma medida em que “sabia inventar o novo”. Portanto, nosso objetivo aqui é sucinto, trataremos de indicar os temas aos quais Deleuze se aproxima de Sartre, como por exemplo, o problema do campo transcendental e a busca por fazer dele um campo pessoal.

Palavras-chave: Deleuze; Campo transcendental; Sartre; Filosofia francesa.

²² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), no momento orientado pelo Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: marcosrabeloo02@outlook.com.

THOMAS HOBBS E A LINGUAGEM CRIADORA: DAS PALAVRAS AO PACTO SOBRE O MUNDO

*Mariana Dias Pinheiro Santos*²³

Resumo: Esta pesquisa tem como principal objetivo evidenciar de que maneira a linguagem, na filosofia de Thomas Hobbes, assume o lugar de um pacto de entendimentos e razões dos homens de uma comunidade. Diante deste objetivo, através de uma investigação da argumentação proposta por Hobbes — em seu *Leviathan* (1651) e em sua *Opera Philosophica, quae latine scripsit* (1668) —, tentou-se investigar não apenas de onde surge o desejo de nomeação, mas como a linguagem consiste em um pacto, um contrato entre os homens de uma comunidade, que tem sua garantia estabilizada e padronizada, em última instância, pelo poder soberano (enquanto *suma potestas*). Daqui se extrai a consequência não apenas de que a verdade depende da linguagem criada e convencionada pelos homens, mas que o próprio jogo linguístico, isto é, as regras de uso da linguagem, e a verdade que pode decorrer dessas regras dependem desse pacto que, em uma situação ideal, será mediado pela figura do conselheiro. Trata-se de observar, sobretudo, que esse pacto nada mais é do que a instituição de um jogo linguístico que estabelece não apenas o que é verdadeiro ou falso, mas, também, fornece as regras e a moldura pela qual o mundo deve ser entendido por aqueles que estão nele inserido. Diante disso, para a construção dessa investigação, divide-se o argumento em quatro etapas: 1- a origem do ato de nomeação; 2- os tipos de razões que podem existir no estado de natureza; 3- a operação de padronização proporcionada pelo poder soberano; 4- o papel que os conselheiros podem desempenhar para qualificar uma padronização compreensível, acessível e utilizável pelo povo. Espera-se, finalmente, que esta pesquisa seja capaz de ampliar o debate a respeito do papel e da extensão do tema da linguagem na filosofia de Thomas Hobbes, ao mesmo tempo em que possa, através desse horizonte, debater uma visão a respeito da ideia de “razão” proposta pela modernidade e compreender como esta entrada pode fornecer ferramentas para lidar com a disputa de discursos que tanto interessam as interpretações contemporâneas.

²³ Doutoranda em Filosofia UFPR (Universidade Federal do Paraná) sob orientação da Prof.a Dr.a Maria Isabel Limongi. Possui graduação e mestrado em filosofia pela UFS (Universidade Federal de Sergipe), tendo recebido Menção Honrosa do prêmio ANPOF (2024) em reconhecimento à excelência acadêmica e à contribuição significativa de sua dissertação, e recebido 1o lugar do PRÊMIO DESTAQUE em Ciências Humanas da UFS (2021) pelo desenvolvimento e apresentação de seu trabalho de Iniciação Científica. É membro da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII (ABES XVIII), da Société internationale d’étude du dix-huiti me si cle (SIEDS), do grupo de pesquisa de  tica e Filosofia Política da UFS, e do grupo de pesquisa de  tica e Filosofia Política da UFAL (Universidade Federal de Alagoas). Atualmente dedica-se   pesquisa sobre o ideal de polidez como formadora do caráter cavalheiresco na filosofia das luzes da Grã-Bretanha. E-mail: marianadps4ntos@gmail.com.

Palavras-chave: Linguagem; Discurso; Convenção.

HUMANIDADE E FEMININO EM CHRISTINE DE PIZAN

*Paula Monique Vieira dos Santos*²⁴

Resumo: O objetivo desta comunicação consiste em apresentar o pensamento de Christine de Pizan sobre as ideias de humanidade e feminino estabelecidas na obra “O livro da Transformação da Fortuna”. A autora, na obra mencionada, se vale de metáforas para apresentar o pensamento segundo o qual em seu contexto histórico concreto a mulher intelectual, a filósofa, seria transformada em homem, ou seja, ela, Christine de Pizan, uma fêmea humana, transformou-se em macho humano na medida em que se tornou uma pessoa intelectual. Salta aos olhos, no contexto de tal postulado no “O livro da Transformação da Fortuna”, a necessidade de se questionar o sentido pontual do termo “transformação” para Christine. A filósofa se refere a uma transformação social, quer dizer, ao exercer a intelectualidade a mulher exerce uma masculinidade social, uma vez que na Europa do século XV a atividade estritamente intelectual era quase exclusivamente masculina? Christine se refere a uma transformação de postura, isto é, a mulher deveria pensar e agir como se fosse um macho da espécie humana, rejeitando, na medida do possível, sua feminilidade? São questões complexas o suficiente para tornar “O livro da Transformação da Fortuna” uma obra intrigante. Além disso, é possível também que, com o conceito de transformação, Christine esteja debatendo com a tradição filosófica que defendia a tese que afirmava que o corpo feminino é uma falha da natureza no processo da geração do animal vivíparo, sobretudo quando a filósofa se posiciona de modo bastante crítico, defendendo a causalidade eficiente ativa da mulher na geração: “[...] pois minha mãe – que foi muito mais potente que meu pai, queria uma filha parecida com ela, nasci menina”. (O livro da Transformação da Fortuna, p. 588). Nascer menina, mulher, portanto, não é uma falha da natureza, mas consequência da força ativa da geradora, da mãe que intencionou a geração de outra fêmea da espécie humana. Nesse sentido, Christine de Pizan se apresenta como uma filósofa medieval que em sua época foi pioneira e protagonista de debates importantes em defesa do sexo feminino.

Palavras-Chave: Mulher; Ser humano; Geração.

²⁴ Graduanda em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Sob a orientação do Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail: paulamoniqueufs@gmail.com.

TERRAS INDÍGENAS E LIBERALISMO: UMA LEITURA AO CONCEITO DE PROPRIEDADE EM JOHN LOCKE

Percy Daniel Arce Santos²⁵

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar o impacto das políticas de corte liberal no campo indígena latino-americano. Para isso foi necessário realizar um exercício histórico que vai desde o começo do processo de independência, a germinação dos Estados independentes e a exclusão da população indígena. O presente tema também abordou algumas propostas para reduzir o grau de exclusão desta população, a exemplo da reforma agrária e o acesso ao crédito bancário. Como amostra incidimos em dois países onde se concentram o maior percentual indígena na população: Bolívia e Nicarágua. O liberalismo, doutrina liberal ou política liberal têm suscitado intensos debates desde longa data. Porém é preciso esclarecer que desde sua concepção as ideias liberais passaram por diversos enfoques, mas o que é o liberalismo? Não seria faltar à verdade dizer que o liberalismo é uma corrente ou pensamento que toma ao indivíduo como responsável de seu próprio destino. Para o pensamento liberal não existe um determinismo seja este religioso, econômico ou social, de alguma maneira todos podem alcançar a prosperidade por meio de seu próprio esforço. Exemplo disso, um dos fundadores do pensamento liberal, o filósofo inglês John Locke, sustentava que a base da propriedade e o bem estar era o trabalho feito pelo próprio indivíduo. (LOCKE,2005,p.11) Desde a postura lockeana do liberalismo até sua chegada à América Latina, o referido pensamento passou por uma série de mudanças, pois não somente se tratava de uma doutrina que ficava no âmbito político, mas também teve alcances no âmbito econômico. Nesse sentido, não é errado dividir o pensamento liberal em três momentos. No primeiro momento o pensamento liberal (que ainda não pode ser chamado liberalismo) discute alcances políticos e sobretudo faz oposição férrea à monarquia e o absolutismo, trazendo com isso mudanças que conformaria os Estados republicanos e democráticos que repercutiram no século XVIII. O segundo momento se refere à introdução do liberalismo dentro da economia, sobretudo com Adam Smith que propõe um modelo de Estado baseado na diminuição do gasto fiscal e o modo de riqueza nas mãos do mercado e da iniciativa privada. No terceiro momento aparece o liberalismo político com a instauração das ideias republicanas, a dissolução das monarquias e o processo de independência de vários países da América.

²⁵ Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes (PPGS/UFS). E-mail para contato: Darcesantos@gmail.com.

Palavras Chave: Liberalismo; Estado; Indígenas.

ESTADO DE EXCEÇÃO E ÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE: DIÁLOGO ENTRE WALTER BENJAMIN E GIORGIO AGAMBEN

Rosângela Sousa de Almeida²⁶

Resumo: Neste trabalho discutiremos acerca do diagnóstico de crise e violência no capitalismo contemporâneo, problema abordado tanto na filosofia política de Walter Benjamin como na de Giorgio Agamben, com ângulos distintos, eles partem de um conceito comum, o de “estado de exceção”. Benjamin ao criticar a modernidade e a mercantilização da vida, na tese VIII, das Teses sobre o conceito de história, afirma que “o estado de exceção no qual vivemos é a regra” e irá colocar a necessidade do engajamento de todos diante dos perigos do fascismo na tarefa de “instaurar o real estado de exceção”. No entanto Agamben, trata-o pela via do Direito, como um paradigma jurídico e político, utilizado constantemente nas democracias modernas para legitimar a violência generalizada. No texto Estado de exceção, Agamben irá colocar o exemplo do Estado Nazista que decretou, “para a proteção do povo e do Estado”, a suspensão das liberdades individuais presentes na constituição de Weimar, suspensão que perdurou por doze anos, o que marca a ideia de uma suposta legitimidade jurídica até do horror. Ambos os filósofos levaram suas reflexões a apostarem para uma saída ética, ou digna, para esse estado de coisas, chamando à atenção para a necessidade de um engajamento ético frente o fascismo e o autoritarismo próprio do capitalismo. Assim, destacando a urgência de repensar a ética em tempos de crise, onde a humanidade encontra-se ameaçada e a esperança de transformação, ainda assim deve ser vislumbrada.

Palavras-chaves: Ética; Estado de exceção; Crise.

²⁶ Licenciada e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Letras Portugues-Francês também pela UFS. Professora de filosofia da Seduc/SE. Email para contato: rosagape.1988@hotmail.com.

NOÇÕES DE FEMININO, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE EM MARIA FIRMINA

*Thalita Daniel da Paixão*²⁷

Resumo: Este estudo se propõe a investigar as representações do feminino, da escravidão e da liberdade nas obras “*Úrsula*” e “*A Escrava*” de Maria Firmina dos Reis. A proposta, nesse sentido, se concentrará nos recursos metodológicos de Maria Firmina, nomeadamente quanto ao seu olhar sensível e suas provocações sobre a realidade das mulheres negras num contexto histórico marcado pela escravidão. Com efeito, a autora utiliza a literatura como um espaço de resiliência, resistência e de denúncia, dando voz aos marginalizados e questionando as estruturas de poder de sua época. Em “*Úrsula*”, a figura feminina ultrapassa uma posição de vítima passiva. A protagonista negra da obra, mãe Susana, mesmo envolta em condições opressivas, mostra uma complexidade interior e um pensamento reflexivo que não se apagam sob o peso das restrições patriarcais e escravocratas: ela carrega em si uma forma de liberdade que, ainda que não física, se manifesta no seu íntimo, por meio de sua consciência e de sua busca por significado dentro das adversidades. Essa dimensão da liberdade, a liberdade interior, revela que, embora a mulher negra seja tratada como propriedade, sua subjetividade e resistência são uma força que desafia a lógica opressiva que a cerca. Já em “*A Escrava*”, a autora aprofunda a crítica ao sistema escravocrata, trazendo à tona a desumanização imposta aos negros de forma a expor uma questão que não se limita ao domínio corpóreo, mas que toca as dimensões éticas e morais da sociedade. Maria Firmina nos mostra, em suma, que a liberdade humana não é apenas a ausência de correntes, mas o direito ao próprio pensamento, à autodeterminação, ao reconhecimento como ser pleno. A escravidão, assim sendo, é desnudada em sua face mais cruel: o controle não é apenas sobre o corpo, mas também sobre a identidade e a alma. Ao subverter as expectativas de seu tempo, a pensadora nordestina oferece a nós leitores uma perspectiva nova sobre a resistência e a dignidade em meio à desumanização, conduzindo-nos a enxergar a liberdade como algo que transcende a matéria e que é, antes de tudo, uma luta por existência e reconhecimento.

Palavras-Chave: Feminino; Liberdade; Negritude.

²⁷ Graduanda em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: thalitadaniel@academico.ufs.br.

M. NICOLELIS E I. ZIZEK: A QUESTÃO EVOLUCIONÁRIA

*William de Siqueira Piauí*²⁸

Resumo: O que pretendemos com nossa comunicação é criar, a partir da menção ao que tematizam alguns filmes, animes etc., uma ambiência que corresponda ao que o filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek (1949-) chama de “conhecimentos conhecidos” que determinam nosso plano simbólico ou campo social. Depois do que passaremos a discutir, muito introdutoriamente claro, um dos argumentos, o evolucionário, elaborados pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis (1961-) como principal resposta em contrário ao que fundamentaria aqueles “conhecimentos conhecidos”. E concluiremos nossa comunicação mencionando a estratégia, que guarda alguma semelhança com a resposta de Nicolelis, também elaborada por Žižek, quem inclusive também chama seu argumento principal de evolucionário. Com esses três movimentos esperamos atingir o centro dos supostos “conhecimentos” que fundamentariam grande parte da literatura especialmente cinematográfica, mas não só, da atualidade e que constitui nosso plano simbólico ou campo social.

Palavras-Chave: Žižek, Nicolelis; Consciência; Inconsciente; Animes.

²⁸ Docente do DFL/PPGF/UFS. E-mail para contato: piaiusp@gmail.com.

III SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGF

O PROBLEMA DO EVOLUCIONISMO DAS FORMAÇÕES SOCIAIS EM PIERRE CLASTRES E DELEUZE E GUATTARI.

*André Luiz Marques de Souza*²⁹

Resumo: O problema da origem das sociedades com Estado é um problema central na teoria política e social. Normalmente suas soluções vêm acompanhadas de um pressuposto evolucionista, como se o Estado fosse uma forma social inevitável se atingidas determinadas condições que se mostrariam no tempo. Em *A sociedade contra o Estado*, livro publicado em 1974, Pierre Clastres, antropólogo francês, problematiza e faz uma crítica à ideia de que há na história uma evolução necessária das sociedades primitivas, sem Estado, para as sociedades com Estado. Clastres desloca a questão tendo como ponto de partida uma etnologia das sociedades ameríndias. As sociedades com Estado, Clastres opõe sociedades primitivas *contra* o Estado, possuidoras de mecanismos internos que as tornam capazes de conjurar o Estado, de mantê-lo sempre fora dos seus limites. Em *Mil Platôs*, publicado em 1980, seis anos após *A sociedade contra o Estado*, Deleuze e Guattari afirmam que a solução de Clastres não rompe definitivamente com um evolucionismo e ainda conserva uma ideia de estado de natureza. É que a solução de Clastres, segundo Deleuze e Guattari, ainda repousaria em um corte demasiado abstrato e misterioso. Seria preciso, segundo Deleuze e Guattari, que a antropologia fizesse a arqueologia interceder para perceber, de uma vez, que as sociedades ditas primitivas (sem ou contra o Estado) e as sociedades com Estado sempre coexistiram. Haveria ainda, para além dessa divisão binomial, dois outros tipos de sociedade: as nômades e as ecumênicas, que se relacionam em coexistência do ponto sem a força de um evolucionismo involuntário agindo sobre elas. O que romperia com um evolucionismo seria, precisamente, um corte epistemológico que põe as causalidades às avessas e as torna sem finalidade. Haveria, nas sociedades primitivas, vetores que “buscam” o Estado, mas também que o tentam conjurar, que fazem a sociedade se afastar dele, ou aboli-lo, ou o fazem evoluir. A ideia desse artigo é retomar a narrativa de Clastres, suas especificidades, e explicar porque, segundo Deleuze e Guattari, Clastres ainda conserva o evolucionismo, mesmo pretendendo o contrário, e explicitar as razões pelas quais *Mil Platôs* tenta abolir a questão da origem.

Palavras-chave: Evolucionismo; Mil Platôs; A sociedade contra o Estado; Formações sociais.

²⁹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Matheus Hidalgo (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: andremsouza1@gmail.com.

MARX E JESUS: DIÁLOGO SOBRE FÉ, JUSTIÇA SOCIAL E REVOLUÇÃO NO PENSAMENTO DE SAMUEL GOTAY

*Carlos Alberto Nunes Junior*³⁰

Resumo: A presente pesquisa aborda a crítica da Teologia da Libertação ao pensamento cristão conservador, destacando como essa vertente se contrapõe às ideologias idealistas e essencialistas, ao mesmo tempo em que propõe uma abordagem revolucionária do cristianismo. A partir de um estudo histórico do desenvolvimento do pensamento cristão na América Latina, o trabalho analisa as raízes e as condições históricas que viabilizaram o surgimento e o fortalecimento dessa teologia no continente. A Teologia da Libertação surge em um cenário de crise das teologias europeias, que, ao serem aplicadas ao contexto latino-americano, mostraram-se inadequadas para interpretar e responder aos desafios socioeconômicos e culturais do continente. Frente a essa insuficiência teórica, teólogos latino-americanos recuperaram a “história real” como espaço de atuação divina, onde a salvação não é um processo dualista, como se existisse uma história da salvação separada da história secular, mas um processo unificado de lutas e libertação. Essa perspectiva rejeita o idealismo, que vê a história como guiada por essências universais pré-determinadas, e propõe uma teologia enraizada na dialética e nas contradições da própria história. Um dos elementos centrais dessa teologia é a revolução hermenêutica, que recupera o sentido histórico e emancipatório do Reino de Deus presente na literatura bíblica. Esse Reino não se limita a uma dimensão espiritual, mas se traduz em um projeto de justiça social, onde a libertação se dá em três esferas: socioeconômica, cultural e espiritual. A libertação socioeconômica é vista como um processo político de superação das estruturas opressoras; a libertação cultural ocorre por meio da formação de um “homem novo”, e depende da revolução cultural que se dá com as transformações econômicas; e, finalmente, a libertação do pecado representa a plenitude do Reino de Deus. A redescoberta da dimensão política da fé é outro aspecto fundamental da Teologia da Libertação. A teologia latino americana incorpora as ciências sociais à reflexão teológica, visando uma abordagem mais pragmática e embasada para a transformação social. Essa aliança entre fé e ciência reflete-se em uma ética cristã de libertação que politiza a ética e historiciza os valores, vinculando-os ao projeto utópico e histórico da classe trabalhadora. Em vez de uma ética idealista, propõe-se uma

³⁰ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob orientação do Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva (DFL/PPGCR/UFS). Para contato, utilize o e-mail: carlosajrnunes@yahoo.com.br.

ética comprometida com a transformação das condições materiais da sociedade, orientada pelos valores cristãos de justiça e igualdade. Assim, a Teologia da Libertação não apenas critica as teologias conservadoras e idealistas, mas também apresenta uma alternativa que articula fé e ação revolucionária, oferecendo uma visão de fé que responde diretamente aos desafios e às esperanças do povo latino-americano.

Palavras-chave: Cristianismo; Revolução; Teologia da Libertação.

IMAGEM E POLÍTICA EM JACQUES RANCIÈRE: QUANDO A IMAGEM É POLÍTICA?

Clara Leite Lisboa³¹

Resumo: O objetivo da presente pesquisa é examinar, dentro do pensamento de Jacques Rancière, a relação entre imagem e política. Tal objetivo será construído dentro de um dos três regimes de arte apresentados pelo filósofo, qual seja, o regime estético da arte, tendo em vista que é somente dentro desse regime de visibilidade que a imagem é política. Para Rancière, a política diz respeito ao rompimento de uma ordem preestabelecida pela partilha do sensível, sendo a política fruto do encontro entre a lógica da igualdade e a lógica da polícia. A relação entre política e estética implica dizer que são conceitos consubstanciais, de modo que a partilha do sensível compõe uma estética em sua base, ao passo que a estética possui um elemento político em sua essência. Tal afirmação impõe pensar na arte enquanto política, quando aquela rompe com a ordem policial e cria novos mundos em razão da suspensão da causalidade entre artista, imagem e espectador. Rancière propõe, portanto, uma dissociação entre a intenção do artista e os efeitos da imagem, o que leva à criação de uma política das imagens baseada na redistribuição do sensível. A partir da perspectiva rancieriana sobre imagem e política, o presente trabalho contribui para pensar na política das imagens a partir do momento em que instalam uma eficácia estética a partir da suspensão da relação entre o que se pode interpretar e o que se pode identificar na imagem, ato que acaba por instalar um estranhamento no espectador, que permite ao mesmo reformular as formas sensíveis heterogêneas em oposição às formas sensíveis originárias. Para alcançar tal análise, foram elaborados como objetivos específicos a apresentação, segundo Rancière, da noção de política; a análise da relação repartilha do sensível e regime estético da arte, sob a ótica de Rancière, e a análise da imagem e política. Pretende-se construir essa análise a partir dos textos presentes nas obras *O mestre ignorante* (1987), *O espectador emancipado* (2008), *A partilha do sensível* (2000), *O desentendimento* (1995), *O destino das imagens* (2003), entre outras, considerando serem suficientes para capturar os subsídios que fundamentam a proposta da pesquisa. Para viabilizar esta investigação, será adotada a revisão bibliográfica como uma ferramenta rica para dar suporte à construção textual partindo do pressuposto de que Jacques Rancière é o filósofo que se propõe a resolver os paradoxos e, para tanto, se faz de uma abordagem teórico-metodológica baseada no sentido de “cena”. O tema é atual e de grande relevância, pois a sociedade contemporânea produz diversas implicações que envolvem a relação entre política e estética e, portanto, imagem.

³¹ Discente do Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Vladimir de Oliva Mota (DAVD/PPGF/UFS) E-mail: claralisboa.adv@gmail.com.

Palavras-chave: Imagem; Política; Jacques Rancière.

A “SERIEDADE DA EXISTÊNCIA” E A SABEDORIA DO RISO EM NIETZSCHE

David Angelo Oliveira Rocha³²

Resumo: O artigo explora a crítica à seriedade da existência apresentada por Nietzsche, analisando como essa seriedade afeta o homem moderno ao impor um quadro cultural rígido que enfraquece sua resistência e autenticidade. Nietzsche identifica a racionalidade como um projeto que cria ideais ligados ao melhoramento do homem e do mundo, mas que acaba gerando uma violência contra o próprio homem, acreditando que tudo é para seu próprio bem. Essa racionalidade sutil e perversa, com ideais vistos como valores sérios a serem alcançados, compõe o que Nietzsche chama de seriedade da existência. A imagem usada pelo filósofo para ilustrar esses homens que pensam ser felizes, mas estão cansados, passivos e sem criatividade, é a dos “últimos-homens”, apresentada no prólogo de *Assim Falou Zaratustra*. O problema que detectamos é o seguinte: como o homem pode superar essa seriedade da existência? Defendemos a hipótese de que é pela sabedoria do riso que o homem moderno pode superar a seriedade da existência, passando para a serenidade da existência. Essa compreensão e interpretação da vida, por um ângulo que busca encontrar prazer no absurdo e alegria dentro da atmosfera niilista, ensina o homem a rir de si mesmo e dos valores que, um dia, enfraqueciam sua vontade de potência e adormeciam sua autenticidade, libertando-o da submissão cega e da visão fixa de si mesmo e do mundo. Esse processo é o que chamamos de sabedoria do riso.

Palavras-chave: Seriedade da existência; Sabedoria do riso; Nietzsche.

³²Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador Prof. Dr. Vladimir de Oliva Mota (DAVD/PPGF/UFS). E-mail para contato: davidfenix2010@gmail.com.

A DESNATURALIZAÇÃO DO SEXO EM JUDITH BUTLER

Doramis Dória Oliveira³³

Resumo: O presente trabalho pretende expor a noção de que o sexo não é algo “natural”, mas “naturalizado” desenvolvida principalmente a partir das contribuições de Judith Butler em suas obras *Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo* (2019) e *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Ao refletir sobre as categorias de “gênero” e “sexo”, a autora questiona a forma como a heteronormatividade se insere nos mecanismos de produção das relações sociais, gerando uma fixidez dos corpos compreendida como “sexo biológico”. Butler sugere problematizações baseadas, por exemplo, na crítica à política do feminismo contemporâneo e na investigação da linguagem como meio precursor da noção materializada de que o sexo é natural. Ou seja, busco trazer à tona, de forma breve, o percurso pelo qual a autora estadunidense promove a desconstrução dos elementos ontológicos que presumem uma naturalidade do sexo/gênero, destacados em suas obras. Ressalto que, sem propor uma filosofia idêntica à já discutida por Judith Butler, investigo, sobretudo a partir de sua leitura, como o sexo, mediante práticas performativas e reiterativas, se tornou um ideal regulatório que materializa os corpos, considerando, por sua vez, seu caráter indubitavelmente discursivo.

Palavras-chave: Sexo; Gênero; Heteronormatividade; Feminismo.

³³ Mestranda no Programa de Pós- Graduação de Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (DFL/PPGF/UFS). Email para contato: doramis.fil@gmail.com.

ESCRavidÃO, SOCIEDADE E TEOLOGIA NATURAL EM MARIA FIRMINA DOS REIS

Elizabeth Matos dos Santos³⁴

Resumo: A compreensão de Maria Firmina dos Reis (1825-1917) sobre a escravidão revela-se em sua escrita literária, sobretudo ao lamentar a realidade opressora que o escravizado vivencia, o qual, estando em terras estranhas perde o contato com a beleza e a tranquilidade da paisagem do seu ambiente familiar: “Fogem-lhe os areais ardentes, as sombras projetadas pelas árvores, o oásis no deserto, a fonte e a tamareira – foge a tranquilidade da choupana, foge a doce ilusão de um momento como ilha movediça, porque a alma está encerrada nas prisões do corpo”. (*Úrsula*, cap. 2). Como ocorre na tradição cristã, também para Maria Firmina a alma humana é a imagem e semelhança do divino. Além disso, pertence ao arbítrio da alma o exercício da contemplação do divino mediante a realidade natural: “O campo, o mar, a abóbada celeste ensinam a adorar o supremo Autor da natureza, e a bendizer-lhe a mão, porque é generosa, sábia e previdente. Eu amo a solidão; porque a voz do Senhor aí impera; porque aí despe-se-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece, e livre dessa vergonhosa cadeia, volve a Deus e o busca – e o encontra, porque com o dom da ubiquidade Ele aí está!”. (*Úrsula*, cap. 1). Maria Firmina, portanto, reporta-se à importância do calar-se, do silêncio para que aconteça uma conexão com o divino. Em alguma medida, ao que parece, o vínculo mental com o divino, em princípio, levaria o ser humano a restaurar-se antes de todo convívio social. Aqui aparece o sentido de sociedade corrompida, conforme Maria Firmina, quer dizer, grupos sociais que não vivem autenticamente a conexão com o divino e que, por conseguinte, corrompem o indivíduo e o coletivo. São grupos sociais cujos indivíduos componentes não vivem o verdadeiro silêncio, a verdadeira contemplação, a verdadeira escuta do “eu” que é simultaneamente divino e humano. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é apresentar a relação entre os conceitos de escravidão, sociedade e divindade estabelecida por Maria Firmina no romance *Úrsula*. Para tanto, também analisaremos o modelo de sociedade de Maria Firmina baseado primordialmente no desenvolvimento individual da autoconsciência sobre o que é a dignidade humana, que no limite coincide com a dignidade divina. Em suma, evidenciaremos que, no romance *Úrsula*, Maria Firmina propõe uma noção de restauração social cujo início é a abolição da escravatura, o que não ocorreria se os indivíduos não removessem de seus corações a couraça do orgulho.

³⁴ Mestranda em Filosofia no Programa de Pós-graduação em filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS). E-mail para o contato: betematoss@hotmail.com.

Palavras-Chave: Submissão; Indivíduo; Coletivo.

BREVES NOTAS SOBRE OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DO CONHECIMENTO EM KARL POPPER

*Emerson da Silva Santos*³⁵

Resumo: Karl Raimund Popper (1902-1994) é reconhecido como um dos maiores filósofos e metodólogos da ciência do século XX por toda sua contribuição para o debate nessas áreas com obras como *A Lógica da Pesquisa Científica* (1934) e *Conjecturas e Refutações* (1944). Se por um lado Popper tinha como objetivo repensar a lógica da(s) ciência(s) e um novo método para ciência empírica, criticando a lógica indutiva e cunhando um novo critério para a demarcação científica, por outro desenvolveu e contribuiu com a doutrina falibilista do conhecimento, doutrina que defende que o conhecimento humano é falível e propenso ao erro, e, por essa razão, o conhecimento científico se dá em termos de conjecturas (hipóteses) e refutações (falseamento). Assim, mesmo a filosofia da ciência sendo a área em que Popper é mais reconhecido, a sua epistemologia detém algumas das teses mais fundamentais para uma teoria da verdade objetiva e para uma estreita conexão entre teoria do conhecimento e filosofia da ciência, isto é, de que maneira podemos formar conhecimento e como podemos diferenciar esses conhecimentos em científicos e não científicos. Dessa forma, o presente texto tem três objetivos principais: i) a crítica de Popper às epistemologias otimistas (que buscam defender uma posição positiva sobre o conhecimento) e as epistemologias pessimistas (que defendem um certo relativismo do conhecimento); ii) a defesa de Popper da doutrina do falibilismo e em como este implica em uma teoria da verdade objetiva e iii) como os dois problemas fundamentais da teoria do conhecimento, o problema da indução e o problema da demarcação, estão intimamente conectados tanto com sua teoria do conhecimento quanto com sua filosofia da ciência.

Palavras-chaves: Conhecimento; Falibilismo; Karl Popper.

³⁵ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, da linha de pesquisa Conhecimento e Linguagem, desenvolvendo pesquisa em Karl Popper e a relação entre Natureza e Sociedade, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Hugo Menna (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: emerson0910silva@gmail.com.

CORPO, CARNE E TECNOLOGIA: UMA LEITURA DO REAL E DO VIRTUAL A PARTIR DE MERLEAU PONTY

*Everaldo da Silva Reis*³⁶

Resumo: O avanço contínuo das tecnologias tem provocado mudanças significativas em nossa percepção e remodelado nossas experiências. Dispositivos vestíveis, próteses inteligentes e interfaces cérebro-computador suavizam as fronteiras entre o biológico e o tecnológico, impactando as capacidades humanas. Real e virtual se entrelaçam e ressignificam as noções de espaço, tempo, ausência e presença. Diante dessas transformações e interações emergentes, este trabalho busca, à luz dos conceitos de “corpo” e “carne” de Merleau-Ponty, investigar o sentido da experiência de ser no mundo. Em *O Olho e o Espírito*, Merleau-Ponty afirma que "toda técnica é uma técnica do corpo", destacando que as ferramentas e signos diversos derivam da própria estrutura corporal e participam ativamente do nosso modo de ser no mundo, amplificando a estrutura metafísica da nossa carne. Naquilo que consideram ser sua ontologia indireta, o fenomenólogo descreve, em *O Visível e o Invisível*, a emergência de um paradigma ontológico horizontal capaz de dissolver dualismos tradicionais, como sujeito e objeto, humano e não humano, e, em nosso tempo, entre o real e o virtual. Essa transformação é articulada por meio do conceito de carne, no qual se entende que os corpos partilham do mesmo estofa, formando juntos uma *Gestalt*, uma unidade carnal originária. Enquanto princípio que nos ultrapassa e nos integra, a carne expressa “a intersensorialidade pela qual o visível e o invisível, o dizível e o indizível se mesclam” (SILVA, 2016), dissolvendo fronteiras entre corpos e mostrando que o Ser se manifesta em uma relação contínua. Nessa dinâmica, as coisas são constituídas ontologicamente por quiasmas - cruzamentos e entrelaçamentos - que expressam a interconexão e a interdependência entre o eu, o outro e os objetos (SANTOS, 2017). Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar que a carne, enquanto camada mais profunda do Ser e meio de dissolução de toda clivagem polarizada, tende a integrar o orgânico e o tecnológico, o material e o imaterial e formar um meio ontológico que é simultaneamente real e virtual. Essas camadas despontam, não como mutuamente excludentes, mas como tecidos que, embora distintos, expressam a mesma estrutura carnal. Embora haja uma precedência do real, o virtual, uma vez estabelecido, modula nossa experiência e abre novas possibilidades de percepção e

³⁶ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Matheus Hidalgo (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: everaldoreis@hotmail.com.

de organização da nossa relação com o mundo. Esse dinamismo revela que o corpo, além de físico, adquire um sentido digital, isto é, se exprime tanto online quanto offline. Essa imbricação não só questiona a validade da divisão estrita entre sujeito e objeto, biológico e tecnológico, real e virtual, mas também sugere que nossa percepção é mais flexível e adaptável do que tradicionalmente pensávamos.

Palavras-chave: Corpo; Carne; Virtual.

TEMPO CIRCULAR E HISTÓRIA EM MAQUIAVEL

*Filipe de Almeida Silva*³⁷

Resumo: No pensamento de Maquiavel, o tema da história ocupa um lugar fundamental para a sustentação de sua filosofia política, de tal modo que o autor cunhou uma abordagem inovadora em relação à história. No entanto, a forma como o filósofo florentino concebe a história só pode ser compreendida se relacionada à sua concepção de tempo. Os filósofos do Renascimento, especialmente do Quattrocento, frequentemente usavam a imagem do círculo para se referir ao tempo e à história. Seguindo essa linha, o secretário florentino, ao analisar os tipos de regimes e suas transformações — a discussão sobre a fundação, manutenção e queda dos regimes era elementar para os autores humanistas do Renascimento elaborarem sua filosofia política —, afirma, no segundo capítulo dos Discorsi, que “este é o círculo seguido por todos os Estados que já existiram e que existem”. Essa concepção de tempo circular não é uma novidade do Renascimento, pois retoma uma tradição que remonta aos antigos, como Aristóteles e Políbio, sendo este último o grande modelo seguido por Maquiavel. O objetivo deste trabalho é articular a leitura que Maquiavel fez da concepção de tempo presente nos autores do Renascimento, relacionando-a com outros filósofos e historiadores da época, para que, então, seja possível compreender com quais intenções e como ele utiliza essa matriz conceitual. Para tanto, analisaremos a leitura que o filósofo faz das duas grandes concepções de tempo e história que o antecederam: a noção de tempo circular grega, representada especialmente nas obras de Políbio; e a noção de tempo linear do cristianismo, na expressão que o pensamento político de Agostinho lhe conferiu. Assim, a compreensão de como Maquiavel se posiciona diante dessas duas matrizes conceituais é fundamental para elucidar os caminhos que ele utilizou para elaborar sua concepção de história como *magistra vitae*.

Palavras-chave: Maquiavel; Tempo; História.

³⁷ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva (CODAP-/PPGF/UFS). E-mail para contato: lipi.7_silva@hotmail.com.

OS DOIS TEMPOS DA LINGUAGEM: UMA LEITURA DA TEORIA DA LINGUAGEM LEIBNIZIANA À LUZ DA PSICANÁLISE LACANIANA

Giovani Pinto Lirio Júnior³⁸

Resumo: Dentro da perspectiva de subjetividade descentrada introduzida por Freud na virada do século XIX para o século XX, pretendemos realizar uma leitura dos dois aspectos leibnizianos da natureza da linguagem, a saber, o aspecto lógico de nossas operações do entendimento e o aspecto social das ordens simbólicas humanas que se constituíram como línguas naturais, a partir das ideias lacanianas contidas no *Seminário II O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, no qual o psicanalista francês tratou da relação entre o conceito de subjetividade na ciência e na psicanálise, mais essencialmente, na cibernética e na teoria psicanalítica. O que está implícito neste livro é que o *cogito ergo sum*, tomado na modernidade como princípio fundamental para a construção do conhecimento e para a definição da natureza humana, não foi suficiente para responder a questão *o que é o ser humano?* Mas não só isso. O próprio conceito de autômato cartesiano fora modificado pelos desenvolvimentos tecnológicos criados pelo advento da cibernética, na qual o conceito de autômato foi formulado com uma nova roupagem, baseada em sistemas de feedback, que simulam as interações comunicativas humanas em um contexto de conversação cotidiana, justamente aquela característica essencial de nossa espécie da qual Descartes afirma ser impossível às máquinas. Por isso, a questão *o que é o ser humano?* reacendeu na contemporaneidade os anseios científicos sobre a possibilidade de redução da consciência aos processos lógicos de nossos raciocínios, que representam nossas funções intelectivas superiores, e se essa redução seria suficiente para responder a tal questão. Assim, mesmo que esta pergunta tenha sido colocada em dúvida pela teoria psicanalítica freudiana, isso não impediu que se proliferasse no final da primeira metade do século XX uma obsessão pela busca de pressupostos científicos que fundamentassem a automatização do ser humano, resultando na contemporaneidade, nas tentativas de superação do ser humano na perspectiva do transumanismo.

Palavras-chave: Leibniz; Lacan; Linguagem; Cibernética.

³⁸ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: giovani.lirio@hotmail.com.

BYUNG-CHUL HAN E O ESPÍRITO DA ESPERANÇA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Iuri Ribeiro dos Santos³⁹

Resumo: A figura do filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han (1959 -) tem se destacado no cenário mundial a partir de suas obras que refletem a sociedade hodierna com sua gama complexa de problemáticas e desafios que interpelam e exigem uma análise mais acurada e perspicaz do mundo contemporâneo ou pós-moderno. A obra *O espírito da esperança: contra a sociedade do medo* (2023) servirá de texto base para a argumentação desta temática emblemática e desafiadora. Considerando os panoramas apocalípticos vivenciados hodiernamente, tais como, pandemia, guerras, catástrofes climatológicas, pode-se perceber nitidamente, numa perspectiva finalista, que a sociedade está colapsando. Para além do marketing capitalista do cenário apocalíptico (*apocalypses sell*) nas diversas literaturas é necessário compreender tanto o movimento gerador das inúmeras crises humanitárias por meio do medo, quanto seu inverso que é o fenômeno da esperança, que lança o ser humano numa experiência contrária ao medo paralisador para um futuro abrindo-lhes o olhar para o que há de vir. O espírito da esperança delineado por Byung-Chul Han apresenta-se pelo itinerário conceitual do medo, angústia e da esperança, esta última delimita-se em três aspectos: esperança e ação, esperança e conhecimento, esperança como forma de via. A crítica ao primeiro tema parte do fato de que “quem espera não age”, assim desde a antiguidade que há uma contraposição entre a esperança e ação. Como fundamentação teórica para a reflexão são apresentados filósofos que ao longo da história da filosofia debruçaram-se sobre esta temática, a saber: Spinoza, Nietzsche, Camus, Bloch, Marcel, Hannah Arendt dentre outros mais. O tema da esperança associado ao conhecimento gera inicialmente a reflexão a respeito da capacidade de pensar, geradora de novos conhecimentos, perante a realidade da inteligência artificial. Por fim, o autor discorre sobre a esperança como forma de vida baseando sua análise na filosofia heideggeriana tendo no bojo conceitual o *Dasein* e suas nuances: angústia e medo. Numa perspectiva contrária a Heidegger a filosofia de Gabriel Marcel incita à vida autêntica que se mostra como desafio de superação do cenário apocalíptico tendo a esperança como fio condutor de toda a existência humana.

Palavras-chave: Esperança; Medo; Vida.

³⁹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Nilo César Batista da Silva (UFCA - PPGF/UFS). E-mail para contato: irstob@hotmail.com.

O CONCEITO DE DEUS COMO UM ACONTECIMENTO NO PENSAMENTO DE JOHN CAPUTO

Ivanilton Aragão de Moura⁴⁰

Resumo: Em seu livro *The Weakness of God: a Theology of the Event* (2006), John Caputo inicia sua argumentação introdutória afirmando que Deus é um acontecimento ou, como melhor elabora depois, Deus ao menos albergaria um acontecimento e a teologia, por sua vez, seria a hermenêutica desse acontecimento, aquela responsável por trazer à tona o que existe nas entranhas do nome que usamos para designar Deus. Para ele, os nomes parecem conter os acontecimentos, como se fossem abrigos temporários que oferecem a estabilidade de uma ordenação linguística, sem ignorar que o acontecimento em si, pela sua intangibilidade, ultrapassa os limites da palavra. Sua proposta é discutir a possibilidade de uma teologia fraca, uma teologia que tenha no horizonte a ousadia de admitir a inexistência de uma verdade absoluta acerca da existência, corajosa o suficiente para renunciar à figura de um deus historicamente construído na força de um discurso que reivindica uma autoridade divina sobre a realidade. Em seu percurso argumentativo, o conceito de Deus se orienta na distinção entre nome e acontecimento para abrir caminho ao que ele entende como incondicional, que seria essa categoria de sentido que permitiria à teologia se dedicar a um objetivo mais condizente com as complexidades da contemporaneidade, afastando possíveis arroubos fundamentalistas que possam se apoiar num discurso que ignora a consistência da linguagem religiosa como sendo de natureza simbólica. Afastando Deus da ideia de um ser supremo existente na dimensão material, Caputo devolve este deus, que se constitui como personagem historicamente construído, à dimensão poética, ao domínio da palavra, do nome. Este Deus personagem seria então um símbolo para uma categoria de sentido além da palavra, um símbolo para um acontecimento que o nome tenta representar em sua finalidade comunicativa, mas que se encontra sempre na fronteira da expectativa humana pelo que é impossível. Seria Deus o arranjo simbólico que usamos para reconfigurar uma leitura da realidade que nos consola da angústia proveniente da certeza da finitude da existência? Seria ele a materialização da nossa esperança por alguma mudança imprevisível no curso da nossa história? A partir da discussão a respeito de Deus, a religião é reexaminada pelo autor com a curiosidade filosófica em busca de uma definição que nos permita compreender melhor

⁴⁰ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS), orientado pelo Prof. Dr. Cícero Cunha Bezerra (DFL/PPGF/UFS). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Sergipe (PPGCR-UFS); Graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (DLEV-UFS) e em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário. E-mail para contato: ivandearagao@gmail.com.

o seu papel na sociedade atual. Com o objetivo de proporcionar uma introdução ao conceito de Deus dentro da perspectiva caputiana, no primeiro momento desta comunicação, o foco estará na distinção entre nome e acontecimento em sua associação com a ideia de Deus. Num segundo momento, o objetivo é desenvolver melhor a compreensão de incondicional e religião no pensamento de Caputo.

Palavras-chave: Religião; Deus; Acontecimento.

NO QUE CONSISTE, AFINAL, A FILOSOFIA? NOTAS SOBRE A AUTOCRÍTICA DE LOUIS ALTHUSSER

*José Alcides Hora Neto*⁴¹

Resumo: Não é novidade constatar que uma das maiores contribuições da filosofia de Louis Althusser (1918-1990) consiste na sua inovadora forma de *ler* a obra de Karl Marx (1818-1883). A partir dos conceitos de corte epistemológico e problemático, o filósofo franco-argelino propôs uma periodização da produção teórica do alemão, de modo a estabelecer o momento a partir do qual Marx tornou-se ele mesmo. Em suma, trata-se de insistir que boa parte dos textos de Marx, sobretudo aqueles da sua juventude, não são marxistas, pois estavam vinculados a uma problemática diferente daquela que podemos observar nas suas obras de maturidade, período no qual ele escreveu, por exemplo, *O capital* (1867). Pois bem, o impacto das contribuições althusserianas foi extremamente significativo para a filosofia francesa produzida por volta dos anos sessenta, de modo que as discussões feitas a partir da sua obra, muitas delas críticas, foram assimiladas pelo franco-argelino. Nesse sentido, é possível afirmar, como faz Evangelista (1985), que existe um “segundo Althusser” que se apresenta a partir de 1967 e tem como auge as reflexões produzidas no ano de 1974. Desse modo, o objetivo do presente trabalho é caracterizar como a autocrítica althusseriana, muito bem apresentada nos textos *Éléments d'autocritique* (1974) e *Est-Il Simple d’Etre Marxiste en Philosophie?* (1975)¹, estabelece uma nova forma de pensar a filosofia, não mais a caracterizando como *Teoria das práticas teóricas*, mas como *luta de classes na teoria*. Tendo em vista os desafios do mundo contemporâneo, tais como as crises políticas e econômicas, o aumento das desigualdades, o ressurgimento de movimentos autoritários e a fragmentação da sociedade global, acreditamos ser extremamente pertinente pensar, junto com Althusser, qual é o papel do filósofo e da filosofia. Afinal, se a filosofia deve ser entendida como *luta de classes na teoria*, então ela produz efeitos políticos, norteando a forma como fazemos a análise concreta da situação concreta e, em consequência disso, a forma como devemos nos posicionar na luta de classes. Portanto, não há dúvidas que essas contribuições althusserianas ainda fazem sentido hoje em dia, diante dos desafios extremamente complexos que enfrentamos, motivo pelo qual pensamos poder contribuir ao elucidar esse debate que se desenha na autocrítica do franco-argelino.

Palavras-chave: Filosofia; Teoria; Luta de classes; Althusser.

⁴¹ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS). Orientado pelo Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: josealcidesufs@gmail.com.

NATUREZA E FORMAÇÃO FEMININA EM DAVID HUME

*Juliane da Mota Santos*⁴²

Resumo: Apesar de o denominado “belo sexo” não se constituir um objeto de discussão central na filosofia de David Hume, as considerações do autor sobre o sexo feminino não passam despercebidos e são dignas de nossa atenção. Não podemos deixar de observar, contudo, que a maneira como as mulheres são retratadas por Hume não parece ser exatamente a mesma ao longo de toda a sua obra. Em alguns momentos, o autor presta seus respeitos àquele que considera o "soberano do império do convívio social", e defende que, com a formação adequada, as mulheres seriam juízas muito melhores do que os homens no que concerne a questões de gosto, e constituiriam o melhor modelo no que concerne à sociabilidade. Em outros momentos, no entanto, o filósofo apresenta o sexo feminino como inconstante, passional e predisposto a prezar mais o fervor do que a justeza das paixões, e parece colocá-lo em uma posição de inferioridade, aproximando-se do inconveniente tratamento dispensado ao sexo feminino por outros autores, ou pela generalidade das mentes masculinas da modernidade. Não seria exagero afirmar, ainda, que mesmo o tom elogioso utilizado por Hume para se referir às mulheres pode não se distanciar, mas até mesmo carregar semelhanças com as concepções sexistas da época, especialmente se tivermos em mente o modelo de polidez defendido pelo filósofo escocês. Posto isso, a pesquisa aqui proposta pretende-se uma investigação acerca do modo como David Hume concebe a natureza, a formação e a atuação das mulheres na sociedade, visando compreender se os posicionamentos do autor sobre o sexo feminino de fato passaram por mudanças no decorrer de sua obra, em determinados momentos se afastando e, em outros, se aproximando do tratamento comumente dispensado às mulheres por outras mentes no contexto em que viveu e escreveu, ou se sua posição controversa permanece, nas entrelinhas, inalterada.

Palavras-chave: Hume; Mulheres; Natureza.

⁴² Doutoranda em Filosofia pelo PPGF/UFS. Orientador: Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro(DFL/PPGF/UFS). E-mail: julle.mota@hotmail.com.

O FIM DAS PENAS E A TEORIA DEMOCRÁTICA EM MOUFFE.

Laura Danielle Lima Santos⁴³

Resumo: O objetivo do futuro trabalho é fazer uma breve apresentação sobre a possível ligação entre a perspectiva abolicionista e a concepção de democracia segundo Chantal Mouffe. Primeiro, trataremos da importância da perspectiva abolicionista para compreensão da “questão criminal”. Após, discorreremos sobre o arcabouço teórico mouffiano e como podemos compreender sua concepção de democracia. Por fim, teceremos alguns apontamentos sobre a relação entre os abolicionismos e a democracia, partindo da seguinte ideia: toda demanda abolicionista é também uma demanda democrática. Afinal, diversos estudos comprovam que quanto mais democrática uma sociedade, menos punitiva será_ utilizaremos das pesquisas realizadas por Vanessa Barker. Assim, pretendemos enfatizar a importância da criação de um imaginário antipunitivista que será, ao mesmo tempo, abolicionista e construtor de uma nova hegemonia. Isso significa que assim como as diversas demandas particulares que a autora vê como fundamentais na construção de um povo de esquerda, as lutas antirracistas, feministas, ecológicas, dentre outras, as lutas abolicionistas também são uma parte importante nessa lógica equivalencial. Não obstante, apesar de importantíssima, até o presente momento, não vimos na literatura sobre a autora, nenhum trabalho que aborda a importância do fim das penas para a consolidação de um povo de esquerda com o consequente fortalecimento da democracia. Eis, portanto, a originalidade da pesquisa a ser desenvolvida.

Palavras-chave: Democracia; Abolicionismo penal; Chantal Mouffe; Demanda democrática.

⁴³ Bacharel em Direito e Filosofia, mestra e Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a orientação do Prof. Dr. Antônio José Pereira Filho (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: neguinhadafe@gmail.com.

AFASIAS - DE LÉVINAS A SEXTO EMPÍRICO

Laura Maria Nóbrega de Abreu⁴⁴

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo demarcar e comparar as diferentes noções de Afasia, desde Sexto Empírico, na antiguidade clássica, até Emmanuel Lévinas, na contemporaneidade, a fim de compor uma arqueologia da Afasia viva e original, que possibilite a discussão das relações possíveis entre tais transformações da Afasia e problemáticas contemporâneas caras a diversas áreas do conhecimento. Tipicamente compreendida pelo meio científico corrente enquanto disfunção neurológica que afeta e causa prejuízo à capacidade de comunicação verbal, a Afasia é aqui analisada em um contexto mais amplo, com um enfoque interdisciplinar, que envolve não somente a Medicina, mas sobretudo a Filosofia, Linguística, História e Psicologia, e abrange diferentes concepções e temporalidades, enfim postas em uma linha conceitual. Por um lado, em Sexto Empírico, hipotiposes pirrônicas traduzidas por R. G. Bury para LOEB em 1933, de título *Outlines of Pyrrhonism*, a Afasia (ἄφασία) é apresentada no grego original de Sexto como um afastamento da afirmação geral. Sua utilização prática responderia ao reconhecimento de aporia ou indiscernibilidade, em uma postura filosófica de não-asserção, que enriquece o debate da problemática a respeito do conhecimento possível e da enunciação. Por outro lado, no pensamento de Emmanuel Lévinas, em *De l'Existence à l'Existant*, edição de 1993 da Librairie philosophique J. Vrin, o conceito de Afasia (aphasie) é ressignificado, e agora manifesta uma profunda inquietação quanto ao empobrecimento das possibilidades de diálogo, compreensão e respeito pelo outro, em uma sociedade marcada pela fragmentação e pelo isolamento. Seu uso se torna uma metáfora para a dificuldade de relação ao outro, à alteridade, e ganha maior espessura nos âmbitos ético, político e existencial. Ao investigar as complexidades e evidenciar as modificações do entendimento da Afasia, utilizando Lévinas e Sexto Empírico como marcos conceituais e temporais estratégicos, propõe-se que a Afasia, enquanto fenômeno de interface, pode servir de chave interpretativa para discutir uma crise da linguagem e do conhecimento no mundo atual.

Palavras-Chave: Emmanuel Lévinas; Conhecimento; Filosofia da Linguagem.

⁴⁴ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS). Orientada pelo Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito (UFRRJ-PPGF/UFS). Email: lauramariafil@gmail.com.

O ERUDITO E O POPULAR NA ARTE EM RANCIÈRE: SINTOMA DO REGIME REPRESENTATIVO

Lucas Américo Andrade Santos⁴⁵

Resumo: Um consenso foi estabelecido no mundo da arte ocidental: há uma distinção entre arte popular e arte erudita. Essa partilha expressa-se por meio de uma hierarquia que define os regimes – o modo de fazer, de ver e de pensar – nos quais objetos são considerados como artísticos e até mesmo quem é ou não considerado artista. O olhar curioso não possui dificuldade alguma em perceber essa clivagem. É por meio da teoria dos “regimes de identificação da arte”, isto é, de relações específicas entre as formas de ver, dizer e pensar a obra de arte, expostas em textos como *A Partilha do Sensível* e *O destino das imagens* etc, que o filósofo Jacques Rancière nos explica que a partilha que divide a produção artística popular e a produção artística erudita é a mesma que apela à representação como fundamento para colocar cada pensamento, sensação e ação em seu “devido lugar”. Ao analisar a distinção levando a teoria rancieriana em consideração, é possível perceber que a diferença entre o popular e o erudito só possui sentido em um regime de identificação: regime representativo. É com base neste regime, como este estudo pretende explicar, que as hierarquias sustentam-se e refletem-se no mundo da arte. A superação deste regime de identificação dá-se por meio da revolução manifesta em sua forma de ver, fazer e pensar a arte: uma revolução estética. Essa revolução, segundo Jacques Rancière, ocorre por meio da redefinição dessas fronteiras que dividem a arte, isto é, por meio de uma *repartilha do sensível*. Esta repartilha do sensível possibilita uma mudança para um regime de identificação da arte na qual as expressões culturais sejam vistas como igualmente válidas e capazes de promover um tipo de experiência sensível próprio da arte. É precisamente o regime estético da arte que promove esta superação radical da hierarquia que estabelece uma clivagem entre aquilo que é considerado arte popular e arte erudita. Portanto, o objetivo da comunicação é apresentar o motivo pelo qual a separação entre arte erudita e arte popular perde sentido no regime estético da arte. Para tal, a comunicação se iniciará com a apresentação do que é entendido por arte erudita e arte popular. Após definirmos os termos, analisaremos o conceito de *partilha* e a teoria dos regimes de identificação das artes. Entendendo o conceito e a estrutura inerente à teoria dos regimes de identificação da arte, ficará evidente que a defesa da existência de uma diferença entre arte popular e arte erudita preserva uma hierarquia social que só possui sentido no regime representativo.

Palavras-chave: Rancière; Erudito e popular; Regimes de identificação da arte.

⁴⁵ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF/UFS) sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir de Oliva Mota (DAVD/PPGF/UFS). E-mail: lucass3397@gmail.com.

O QUE É FASCISMO NEOLIBERAL?

*Magno Francisco da Silva*⁴⁶

Resumo: Este estudo pretende analisar a conjuntura econômica e política do capitalismo neoliberal a partir da crise de 2008, à luz da formulação conceitual de Mészáros sobre a crise estrutural do capital. A pesquisa fundamenta-se nas teorias de David Harvey, Perry Anderson, Ricardo Antunes, Florestan Fernandes e Vladimir Safatle, discutindo as consequências políticas da crise econômica do século XXI e a relação entre neoliberalismo e o surgimento de novos fascismos. Ademais, busca-se refletir sobre a atuação da classe trabalhadora e as lutas sociais contemporâneas, destacando avanços e limitações, bem como a presença de uma dominação subjetiva do neoliberalismo nas lutas sociais e na sociedade em geral, a partir da influência do pós-modernismo, manifestada no irracionalismo, na pós verdade e no identitarismo. O trabalho também se propõe a examinar o papel dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda diante da ofensiva das organizações políticas da direita radical. Outrossim, visa-se estabelecer comparações e distinções entre o fascismo do século XX e os novos fascismos, com base em autores como Karl Marx, Marilena Chauí, Enzo Traverso, Michael Löwy, Theodor Adorno, entre outros. Por fim, o artigo objetiva apresentar as recentes caracterizações sobre os novos radicalismos de direita, bem como contribuir para o entendimento dos novos movimentos e organizações da direita radical, mediante a introdução do conceito de fascismo neoliberal.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Capitalismo; Fascismos neoliberal.

⁴⁶ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF/UFS) sob a orientação do Prof. Dr. Matheus Hidalgo (DFL/PPGF/UFS). E-mail: magno_philos@hotmail.com.

O PEQUENO MUNDO DO RAP: COLONIALISMO CULTURAL E O ERRO DO DISCURSO PIONEIRO

*Marcos Roberto Santos Pereira*⁴⁷

Resumo: Os paradigmas e critérios de qualidade de um gênero musical são determinados por aspectos socioculturais da maioria dos seus artistas. Assim sendo, o gênero é moldado pelo arcabouço de experiências e cultura desses artistas, e, conseqüentemente, pelo espaço geográfico que torna possível a constituição deste arcabouço. Constatamos isso a partir de gêneros como forró e axé, predominantes no nordeste, sertanejo, predominante no centro-oeste, e o funk, predominante nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Com o rap não é diferente. Desde seu surgimento até os dias de hoje, o rap deixou de ser uma arte marginalizada inserida em um movimento de contracultura para ganhar os palcos dos maiores eventos de música do mundo, as trilhas sonoras dos filmes mais assistidos e algumas das maiores cifras do mercado artístico como um todo. Falar do rap nesses termos, contudo, é apenas meia verdade. Alguns desses dados têm uma âncora geográfica muito bem fincada nas terras da América estadunidense. Não que não haja artistas de rap brasileiro ricos e largamente reconhecidos, mas a nível mundial, é o rap dos Estados Unidos que apresenta os aspectos citados anteriormente. Daí, contraditoriamente, ou ao menos ironicamente, práticas que podemos chamar de colonialistas começam a se manifestar nas relações dos artistas com o resto do mundo. A mais recente com relação ao Brasil talvez seja a de Tyler The Creator, que utilizou, sem autorização, a música ‘Duplo Sentido’ do Gilberto Gil para a campanha de moda da sua marca. E no âmbito específico da vertente do trap, o artista Comethazine já teve uma discussão com o brasileiro Borges, chegando a afirmar que rap é uma música de língua inglesa, se feito em outra língua não é rap e pediu aos brasileiros que parassem de roubar a cultura. Práticas como essas, contudo, não se restringem a dinâmicas entre países. Dentro do próprio Brasil, elas também se manifestam, e os casos mais comuns são os do pioneirismo autoproclamado. Com ajuda de plataformas de música regidas por algoritmos tão diretos quanto débeis, Ebony, Raffa Moreira e Naio reivindicam o título de pioneiros de algumas vertentes do rap no Brasil. Raffa Moreira e Naio reivindicam, respectivamente, para Guarulhos e para Vitória o marco zero do trap brasileiro. Ebony, por sua vez, já reivindicou o pioneirismo do rap sujo feminino. O que revelam com isso é, antes de tudo, a ignorância da história do gênero do qual fazem parte, mas também a irrelevância e descredibilidade com que enxergam o rap nordestino, cujos artistas produziram primeiro aquilo do qual artistas do eixo Rio-São Paulo proclamaram pioneirismo.

⁴⁷ Discente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito (UFRRJ-PPGF/UFS). Email: marcosrsp.philosophia@gmail.com.

Palavras-chave: Rap; Colonialismo; Nordeste.

DO PRINCÍPIO DE INDIVIDUAÇÃO ÀS SINGULARIDADES PREINDIVIDUAIS: UMA CONEXÃO ENTRE SIMONDON E DELEUZE.

Marcos Sávio Santos Aguiar⁴⁸

Resumo: No artigo de Cristóbal Durán Rojas, intitulado *De la hipótesis al concepto. Simondon, Deleuze y las singularidades preindividuales*, o autor mostra o modo como Gilles Deleuze se apropria da construção do pré-individual elaborada por Simondon, assim como do conceito simondoniano de individuação, a fim de elaborar uma criação conceitual deleuziana sob o nome de “singularidades pré-individuais”. Os termos simondonianos de “preindividual” e “individuação” alcançam seus níveis mais elevados de elaboração na sua tese doutoral defendida em 1958, com publicação póstuma em 2005, com o título “*L’individuation à la lumière des notions de forma et d’information*”. O preindividual simondoniano é uma hipótese criada para dar consistência a uma ontologia que deve ser captada durante o seu devir, ou como processo. Quanto à individuação, ele é um conceito operativo que mostra a insuficiência de abordar o “ser” como sendo uma individualidade. A proposta do preindividual simondoniano, que vai da hipótese ao conceito operativo, é apropriada por Deleuze, notadamente na *Lógica do sentido*, que não só transforma como aprofunda a proposta simondoniana, seja ampliando a natureza da proposta, seja dinamizando os seus desdobramentos, sob o título deleuziano de “singularidades pré-individuais”. Procuraremos, primeiramente, mostrar como se conectam as propostas do preindividual entre Simondon e Deleuze; em seguida, como ambas as propostas se encontram hoje em posição de vanguarda na abordagem da problemática contemporânea.

Palavras-chave: Preindividual, Individuação, Singularidade.

⁴⁸ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e integrante do Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS). Orientador: Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). E-mail: marcossavio.se@gmail.com.

SOBRE A ÉTICA ENSINADA POR PTAH-HOTEP

*Nazito Pereira da Costa Júnior*⁴⁹

Resumo: O objetivo desta comunicação é refletir cinco pontos das instruções éticas de Ptah-Hotep. De modo que apresenta uma importante discussão sobre as ideias filosófico-morais, de uma obra pragmática ligada ao comportamento do indivíduo no antigo Egito. Essa obra contém os ensinamentos de Ptah-Hotep sobre a relação do ser humano diante de si mesmo e do outro. Ptah-Hotep foi um antigo filósofo africano, do antigo Egito, que deixou para a posteridade um texto filosófico intitulado as “Máximas de Ptah-Hotep”. Esse texto se encontra originalmente no papiro Prisse, guardado atualmente na Biblioteca Nacional da França. As suas instruções ou conjunto de sabedoria foram reconhecidas como sua própria filosofia. Segundo Asante, em um certo sentido a filosofia de Ptah-Hotep é dirigida ao filho, porém em um sentido mais amplo, ele também se dirige à humanidade. O texto original de Ptah-Hotep foi preservado do Império Antigo, passando pelo Médio, Novo e chegando até os nossos dias. As formulações das máximas de Ptah-Hotep, foram baseadas em um profundo humanismo. As instruções do filósofo egípcio são atemporais, de maneira que serão apresentadas como sugestão reflexiva para os dias atuais. Das 37 máximas, serão apresentados cinco axiomas para essa reflexão.

Palavras-chave: Ptah-Hotep; Instruções; Ética;

⁴⁹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Saulo Henrique Souza Silva (CODAP-PPGF/UFS). E-mail: nazitofilosofo@gmail.com.

A EMOÇÃO SOB A LENTE DE SARTRE: UM FENÔMENO CONSCIENTE DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

Paloma Ferreira Alves⁵⁰

Resumo: O objetivo desta comunicação é explorar a teoria sartreana das emoções, com ênfase na forma como Jean-Paul Sartre (1905-1980) compreende a emoção como um fenômeno consciente que transforma o mundo. A partir de sua obra *Esboço para uma Teoria das Emoções* (1939), Sartre desafia as explicações tradicionais, que tratam as emoções apenas como respostas passivas a estímulos externos. O filósofo critica a psicologia em voga na sua época, especialmente as correntes positivistas, que reduzem as emoções a distúrbios fisiológicos desprovidos de significado. Em contraste, Sartre propõe uma visão mais profunda das emoções, considerando a totalidade da realidade humana. Inspirado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e pelo conceito heideggeriano de *ser-no-mundo*, Sartre analisa as emoções a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial. Ele as entende como uma forma de existência da consciência, uma maneira pela qual esta compreende seu *ser-no-mundo*. Nesse sentido, a emoção adquire significado na medida em que se integra à realidade humana. O filósofo também argumenta que a estrutura fundamental da emoção é sustentada pela sua finalidade de transformar magicamente os meios deterministas do mundo. Ou seja, a emoção surge como uma resposta à impossibilidade de resolver problemas práticos em um mundo onde as soluções parecem urgentes e difíceis de alcançar. Diante dessa dificuldade em adotar uma ação adaptativa — isto é, uma ação que utilize meios específicos para superar os desafios do mundo —, a emoção emerge como uma nova forma de perceber a realidade. O mundo, que antes era visto como um “conjunto de utensílios”, passa a ser experimentado como um “mundo mágico”. Essa transformação não deve ser entendida como uma simples fuga ou um ato simbólico, mas como uma reação profunda a uma situação urgente, na qual o indivíduo se envolve com intensidade. Para Sartre, a emoção verdadeira é vivida com força e crença, e se expressa também nas manifestações fisiológicas que revelam a seriedade dessa experiência emocional. A emoção, portanto, resulta da interação entre o mundo, a consciência e o corpo. Diante disso, nosso objetivo é destacar a originalidade da análise sartreana das emoções no *Esboço*, mostrando sua importância como um verdadeiro laboratório de ideias. As observações feitas por Sartre sobre as teorias psicológicas de seu tempo continuam a ser relevantes,

⁵⁰ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2022. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da UFS, sob orientação do Prof. Dr. Matheus Hidalgo (DFL/PPGF/UFS). Para contato, o e-mail é palomafealves@gmail.com.

assim como sua perspectiva sobre os fatos psíquicos, como as emoções, que se mantém pertinente sob a ótica fenomenológica e existencial.

Palavras-chave: Sartre; Teoria das Emoções; Fenomenologia.

INFLUÊNCIA DE LEIBNIZ NA MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Rayane Ribeiro Dos Santos ⁵¹

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar alguns conceitos do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), como os de mônada e harmonia pré estabelecida, mostrando como influenciaram autores da modernidade e da contemporaneidade. Esses conceitos podem ser encontrados em dois livros do filósofo, intitulados *A monadologia* (1974) e *Novos ensaios sobre o entendimento humano* (1974). Para Leibniz, a mônada é o elemento fundamental do universo, sendo uma força subsistente em si mesma, indivisível, simples e única. Uma mônada sempre estar em perfeita harmonia com outras mônadas devido à atuação de uma entidade metafísica. Essas noções tiveram um impacto significativo na filosofia de Immanuel Kant (1724- 1804), particularmente em sua reflexão sobre como conhecemos a realidade exterior. Kant critica essas noções em sua obra *Crítica da razão pura* (2001), argumentando que Leibniz não explica suficientemente como uma mônada pode conhecer a realidade sem ultrapassar os limites do conhecimento humano, rejeitando, assim, uma metafísica leibniziana. Para Kant, a percepção humana é mediada por fenômenos. Esses conceitos também influenciaram outro filósofo, desta vez contemporâneo, chamado Gilles Deleuze (1925-1995), que os reinterpretou no contexto de sua própria filosofia, especialmente em sua obra *A dobra: Leibniz e o Barroco* (1988), afirmando uma multiplicidade das mônadas, modificando a noção de harmonia pré-estabelecida.

Palavras-Chave: Harmonia pré-estabelecida; Leibniz; Mônada.

⁵¹ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFS, sob a orientação do Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS), integrante do Grupo de Estudo de Filosofia da Linguagem da UFS (GEFILUFS). E-mail para contato: rayribeiro425@gmail.com.

O PARADOXO DE JOHN LOCKE: LIBERDADE E ESCRAVIDÃO

*Renata Prado Menighin*⁵²

Resumo: O presente texto pretende analisar o problema da escravidão no pensamento político do filósofo inglês John Locke, explorando as tensões e possíveis contradições entre sua teoria da liberdade natural e a justificativa para a escravidão. John Locke define a liberdade como um direito natural e inalienável, intrínseco à condição humana. Entretanto, ele justifica a escravidão exclusivamente em condições de guerra. A questão central é se, ao justificar o escravo fruto da guerra, Locke contradiz a sua teoria da liberdade natural? A história nos mostra que os princípios desenvolvidos por Locke foram a maneira encontrada por este para enfraquecer o poder absolutista. O filósofo pretendia criar uma fundamentação sólida que impossibilitasse um único homem de reunir extremo poder a ponto de ignorar as vontades dos outros. Havia a genuína preocupação com a possibilidade do uso abusivo e a usurpação do poder. Sendo essa uma das razões de seus estudos estarem focados na defesa de direito à vida, à propriedade, à necessidade de existência do consentimento do governado como garantia fundamental para o exercício da liberdade, entre outros. Entretanto, o paradoxo existente no pensamento político de John Locke entre sua defesa da liberdade natural e a justificativa para a escravidão, em especial no contexto da guerra, vem sendo objeto de estudo desde remotos tempos e continua levantando diversos questionamentos. A sua relação com a escravidão, especialmente o permissivo relacionado a situações resultantes de guerra, revela tensões e possíveis contradições em seu pensamento. Assim, este estudo busca explorar se Locke utilizou seu arcabouço teórico para justificar formas específicas de escravidão e até que ponto essa justificativa é coerente com seus princípios de liberdade, ou, se talvez, tenha sido a forma encontrada pelo autor de apontar as dissonâncias e a incompatibilidade de seus ensinamentos com a escravidão comercial. A análise crítica dos escritos de Locke sobre o estado de natureza e o estado de guerra alinhado como uma análise do contexto social e cultural do filósofo pode ajudar a entender as complexidades de sua filosofia e lançar luz sobre os desafios e limitações do liberalismo em contextos históricos e modernos.

Palavras-chave: Liberdade natural; Escravidão; Liberalismo clássico.

⁵² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos (DFL/PPGF/UFS). Email para contato: renata@menighin.adv.br.

CONEXÕES ENTRE KRENAK E A EPISTEMOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA COM CRIANÇAS

*Rosangela Maia*⁵³

Resumo: Este trabalho aponta para o diálogo das epistemologias do ensino de filosofia elaboradas por Walter Kohan, Laura Agratti e Alejandro Cerletti, com as reflexões de Ailton Krenak sobre a condição humana e a dignidade diante dos desafios da contemporaneidade. Os filósofos argentinos, ao refletirem sobre o ensino, propõem uma prática que transborda a mera transmissão de conteúdo: uma filosofia que se desenvolve na autonomia e no respeito ao pensamento da criança, especialmente no contexto da educação pública. Esse modelo busca promover práticas orientadas por uma valorização do conhecimento e reelaboração do mesmo a partir da dialogicidade, visando à criação de uma sociedade mais justa e igualitária, inspirado nas ideias do educador Paulo Freire. Ao articular essa visão com o conceito que Krenak propôs em seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, esta análise busca entender como a filosofia pode mobilizar crianças e jovens para questionarem os paradigmas de progresso e desenvolvimento que ignoram o equilíbrio ambiental e para os vínculos culturais e éticos da vida. Na linha de Kohan e Cerletti, a filosofia aponta caminhos a serem seguidos com o intuito de desenvolver formas de compreensão e posicionamento dos alunos frente às questões de justiça social, sustentabilidade e convivência pacífica – sintonizando-se, assim, com o pensamento crítico de Krenak sobre o respeito à Terra e a tudo que nela vive. Nesse sentido, o texto postula que tais epistemologias críticas latino-americanas podem transformar a filosofia na infância em um agente de modificação na maneira como o sujeito se relaciona com seus territórios, com o mundo e com os outros, proporcionando uma compreensão profunda da interdependência ecocultural. O trabalho buscou respeitar a relevância da diversidade epistemológica e cultural como base para o ensino da filosofia. O estudo conclui, por fim, que, através da perspectiva de autores latino-americanos, pode-se adotar uma abordagem para o ensino de filosofia com crianças que valorize a humanidade em harmonia com a natureza. Dessa forma, a filosofia torna-se mobilizadora no sentido de proporcionar às novas gerações o poder do pensamento para questionar, resistir e construir futuros mais inclusivos e sustentáveis e, assim, a contribuição desse diálogo interdisciplinar se dirige à consolidação de um modo de pensar filosófico, apoiado no compromisso com a preservação cultural e ambiental.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Infâncias; Ecocultura.

⁵³ ¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe - PPGF/UFS. Orientador: Prof. Dr. Christian Lindberg Lopes do Nascimento (DFL/PPGF/UFS). E-mail: maia22@academico.ufs.br.

A FILOSOFIA POLÍTICA HEGELIANA NO DEBATE CONTEMPORÂNEO

*Rosmane Gabriele Varjão Alves de Albuquerque*⁵⁴

Resumo: Apesar da abundância de trabalhos e debates concernentes ao conceito de liberdade, seja ela individual, coletiva ou metafísica, nota-se que as questões circundantes ao tema são inesgotáveis e passivas de novas reflexões, principalmente no que diz respeito ao indivíduo político, seus direitos e deveres dentro de uma sociedade cada vez mais individualista. No que concerne a Hegel, há uma divergência interpretativa no que diz respeito a sua filosofia política. De um lado, temos intérpretes que enxergam em Hegel um filósofo antiliberal, até mesmo autoritário e responsável pelos desdobramentos totalitários do século XX. Outros o interpretam como liberal ou filósofo da liberdade. Axel Honneth, por exemplo, assume uma interpretação que segue uma abordagem liberal da filosofia política de Hegel. Em contrapartida, Domenico Losurdo argumenta na tentativa de distanciar Hegel de uma teoria liberal e aproximá-lo de uma leitura de esquerda. Alexandre Kojève e Slavoj Žižek, por sua vez, adotam a perceptiva de uma reconstrução comunista da filosofia hegeliana. Por outro lado, Charles Taylor abraça uma leitura comunitarista. É interessante notar que, em sua filosofia política, Hegel leva em consideração aspectos do cristianismo e observa que a subjetividade comunitária expressa na religião cristã é capaz de endossar uma crítica ao liberalismo. É por meio da religião e suas celebrações, festas e vida ética que os indivíduos se reaproximam uns dos outros além do individualismo vigente numa sociedade burguesa liberal. Para Hegel, a instituição religiosa supera a alienação por meio do corpo comunitário. Ademais, o conceito de liberdade em Hegel está intrinsecamente atrelado ao cristianismo. Apesar da dicotomia interpretativa – é provável que ambas ofereçam análises significativas – meu objetivo consiste em analisar a filosofia política de Hegel e sua posição em relação ao liberalismo a partir da interpretação hegeliana do cristianismo e como podemos inserir a posição de Hegel no debate contemporâneo. Em sua filosofia política Hegel tentou resolver as contradições entre a liberdade individual e liberdade coletiva concebidas pelo liberalismo moderno. Para ele, somente a vida comunitária entendida como expressão do Absoluto pode gerar o progresso acerca da consciência da verdadeira liberdade e assim conciliar a liberdade individual e a liberdade coletiva.

Palavras-chave: Hegel; Liberalismo; Cristianismo.

⁵⁴ Doutoranda em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Arthur Eduardo Grupillo Chagas (DFL/PPGF/UFS). E-mail: Gabrielealbuquerque24@gmail.com.

GÓRGIAS DE LEONTINOS: SOFISTA, RETOR E LITERATO.

*Thatiane Santos Meneses*⁵⁵

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo investigar a atuação do sofista Górgias no campo da literatura. Górgias de Leontinos é reconhecido por estudiosos dos sofistas como um dos principais representantes deste movimento filosófico e tal epíteto está relacionado ao seu notório poder persuasivo. Fala-se muito sobre o poder argumentação do leontino sempre atrelando à sua imagem de mestre da arte retórica, mas fato é que, como adverte Aristóteles na *Retórica* (1404a25), nós podemos falar também em um Górgias poético. Em *Epitáfio*, temos um Górgias diferente do que é visto em *O Elogio de Helena* e em *A Defesa de Palamedes*, ele se apresenta com uma linguagem mais poética, fato que pode ser notado pela ocorrência de diversas figuras de linguagem, algumas até chamadas de figuras gorgianas, isso sem falar na utilização de elementos da tragédia. Autores como Untersteiner (2012, p. 185), Romilly (2017, p. 117) e Casertano (2017, p. 96-97) ressaltam em suas pesquisas “a veia poética” de Górgias, atrelando o fazer poético com o uso das figuras de linguagem e a ideia do trágico, tão comum nos idos do século V a.C.. Fato é que o sofista de leontino tinha grande respeito pelas palavras e sabia que o sucesso de um discurso estava intimamente ligado à escolha delas. O estilo discursivo gorgiano foi alvo de muitas críticas, especialmente por parte dos ditos filósofos da Grécia Antiga, no entanto não se pode esquecer que essa preocupação com o discurso enriqueceu os estudos acerca da retórica, tanto no campo da filosofia, como na linguística. Em que pese a importância de Górgias para os estudos da retórica, as investigações tendo como *corpus* os discursos gorgianos são ainda incipientes, especialmente aqui no Brasil, daí a relevância do tema. Além disso, o entendimento desses questionamentos dos pensadores antigos lançará luz sobre as discussões atuais quanto a esses temas, nos possibilitando compreender aspectos importantes desse desenvolvimento bem como a transmissão dessas reflexões ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Górgias; Discurso; Figuras de Linguagem; Retórica. Literatura.

⁵⁵ Advogada, Licenciada em Filosofia, Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil e em Ensino de Filosofia, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, Doutoranda em Filosofia vinculada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Dr. Aldo Dinucci (UFES), com bolsa financiada pela CAPES. E-mail: thatianesm@hotmail.com.

A GÊNESE DA MODERNIDADE: A DOMINAÇÃO E A TEORIA CRÍTICA EM HORKHEIMER

*Uilson de Meneses Hora*⁵⁶

Resumo: A reflexão e a possibilidade de explicar o contexto do progresso e o debate sobre a visão da indústria cultural a partir da teoria crítica, estabelecendo uma linha histórica do aprisionamento da razão. O contexto a ser utilizado é a razão instrumental que vai ligar o tempo e o processo de transformação racional, no qual, o homem detém o conhecimento para construção necessária dessa dominação. Com o objetivo de entender como a teoria crítica de Horkheimer apresenta uma base relacional entre a razão instrumental e aprisionamento do indivíduo através da indústria cultural e da dominação da razão, esse trabalho busca uma maior inteireza ao texto, dividindo em duas partes. Na primeira, será desenvolvida uma leitura de Horkheimer do processo de dominação apresentada na ótica do processo tecnológico e social da sociedade de como a razão tem um papel primordial na aceleração deste aprisionamento. Na segunda, analisaremos os impactos do processo da razão na construção do domínio e da anulação de emancipação do indivíduo. A teoria crítica de Horkheimer apresenta estudos críticos de como é possível uma construção da racionalidade que leva tanto para o aprisionamento quanto para emancipação. Com isso, esperamos colaborar com o debate, envolvendo o progresso na lógica da razão instrumental e no processo de dominação do indivíduo, sob a luz dessa análise teórica. A crítica a esse processo consiste em analisar e apontar para as consequências de um modelo de racionalidade em que o homem abra caminhos para as transformações que possam atingir um estágio que ponha em risco o processo emancipatório do indivíduo.

Palavras-chave: Horkheimer; Emancipação; Razão; Dominação.

⁵⁶ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva (CODAP-PPGF/UFS). E-mail: uilsonmh@yahoo.com.br.

**7º ENCONTRO DE
FILOSOFIA E
NATUREZA
(MESAS REDONDAS)**

THOREAU E A FILOSOFIA DA NATUREZA NO NOVO MUNDO

Douglas dos Santos Campos⁵⁷

Resumo: É evidente que, “ao longo da história do Ocidente, grandes legisladores, filósofos, cientistas e ecologistas já nos alertaram para a necessidade de mudar nossas políticas de proteção ambiental”. Conseqüentemente, com a produção de máquinas com a capacidade de causar grandes distúrbios socioecológicos em escala global, o século XXI tem se mostrado propício a novas fontes de investigação para cientistas, pesquisadores, sociedade civil e movimentos sociais dedicados a questões socioambientais. Entre tais pesquisadores, destaca-se o Prof. Dr. Evaldo Becker (1977-) que tem contribuído, de modo ativo, seja por meio de publicações (como no caso do livro *Caleidoscópico: reflexões sobre ética e política*, em 2021) seja organizando livros (como no caso do segundo volume da mesma série, intitulado *Caleidoscópico II: reflexões sobre ética e política*, em 2024). O Prof. Dr. Becker tem ressaltado a importância e, em cenários de profunda crise ambiental, a urgente necessidade de que a filosofia una as suas reflexões à ética ambiental. Assim, o objetivo desta comunicação será apresentar possíveis colaborações, diálogos e intersecções aos intentos do Prof. Dr. Becker. Essas colaborações perpassam as contribuições da corrente *ecossocialista*. O *ecossocialismo* é “um movimento anti-capitalista que une a luta ecológica a causa socialista”. O *ecossocialismo*, em sua profunda crítica ao modo de produção e reprodução da vida social capitalista (onde os valores de uso dos bens materiais são subordinados à sua dimensão de suporte de valor, expressas em valores de troca no mercado), oferece valiosos e positivos desdobramentos ao movimento ambientalista – tanto em sua faceta teórica quanto na prática social. Há, segundo a perspectiva *ecossocialista*, uma *ruptura metabólica no modus operandi* da sociedade capitalista. Segundo essa perspectiva, essa ruptura é causada pela apropriação, meramente mercantilizada da natureza, tratando-a e, conseqüentemente, trabalhando-a, como mero *suporte de valor*, um *valor de troca*. Por conseguinte, de acordo com os *ecossocialistas*, os distúrbios ambientais, em suas diferentes gravidades, são efeitos diretos e indelévels do capitalismo.

Palavras-Chave: Crise socioambiental; Ética ambiental; Ecossocialismo.

⁵⁷ Possui graduação em Filosofia Licenciatura Plena e Mestrado Acadêmico em História da Filosofia moderna e contemporânea (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF), ambas titulações pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É estudante pesquisador do Grupo de Estudos de Filosofia e Natureza pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da História e Modernidade (NEPHEM). Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS). E-mail: douglasscampos414@gmail.com.

A COMMODITY DA PESCA NA QUERELA *MARE LIBERUM-MARE CLAUSUM* DE GROTIUS E SELDEN

*Sizínio Lucas Ferreira de Almeida*⁵⁸

*João Eduardo Colognesi Serpa*⁵⁹

Resumo: Desde tempos imemoriais, a atividade pesqueira contribuiu para o desenvolvimento humano e econômico de povos litorâneos. Durante o período de expansão comercial das nações europeias, a pesca era uma das mais significativas dentre as atividades comerciais. No cenário político da Europa do século XVII, a pesca tornou-se o centro de disputa entre duas nações: Províncias Unidas (atual Países Baixos) e a Inglaterra. Essa disputa trazia, além das questões comerciais, uma contenda pelo direito de navegação nessa região. Em defesa do protecionismo britânico, o jurista inglês John Selden publica o *Mare Clausum*, opondo-se à obra *Mare Liberum*, do jurista neerlandês Hugo Grotius, cuja defesa centrava-se no uso livre dos mares. O objetivo desta comunicação é analisar como o contexto da pesca no mar do norte levou a uma disputa entre essas duas soberanias e como as obras contribuíram para uma análise desses conflitos.

Palavras-Chave: Mare Liberum; Mare Clausum; Pesca; Selden; Grotius.

⁵⁸ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Possui graduação em Filosofia Licenciatura (2014) e Mestrado em Filosofia (2017) pela mesma instituição. Membro dos grupos de pesquisa Ética e Filosofia Política e Filosofia e Natureza, ambos da UFS. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética Socioambiental, Filosofia Política e Filosofia do Direito. E-mail para Contato: siziniolfalmeida@gmail.com.

⁵⁹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (2011), com um ano de graduação sanduíche no Institut d'Études Politiques de Lyon (Science-Po), França. É pós-graduado em Relações Internacionais pela Damásio Educacional, com enfoque no regime internacional do meio ambiente. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, onde desenvolveu pesquisa interdisciplinar, fazendo dialogar as áreas de Relações Internacionais, Direito e Ciências Ambientais, no contexto da sustentabilidade na Amazônia. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal de Sergipe. Orientador: Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS). E-mail: joao_ed_serpa@hotmail.com.

O MITO DA EXCLUSIVIDADE DA NATUREZA HUMANA: FILOSOFIA MODERNA E ANTROPOLOGIA

*Mauro Dela Bandera Arco Júnior*⁶⁰

Resumo: Na filosofia de Rousseau expõe-se a paulatina construção de uma ideia ocidental de humanidade: a história de como o ser humano assim denominou-se ser, bem como a história do abuso dessa denominação. Trata-se, sobretudo, da crítica sobre a construção de um mito da dignidade exclusiva da natureza humana, tema que percorre as obras de diferentes filósofos, dos modernos aos contemporâneos, dos ocidentais aos não ocidentais, dentre eles, Montaigne, Lévi-Strauss, Kopenawa, Krenak, Viveiros de Castro, etc. Trata-se aqui de abordar, a partir de Rousseau e em diálogo com outros autores, o “ciclo maldito” característico da modernidade, uma ideia que separa os humanos dos animais e segrega os humanos entre si. Começa-se por apartar o ser humano da natureza e constituí-lo como um ser à parte em um processo de monopolização progressiva do valor da existência: aparece em um primeiro momento o especismo, subseqüentemente a desigualdade sociopolítica, o etnocentrismo e outras formas derivadas de exclusão, com consequências maiores para os humanos e a natureza.

Palavras-Chave: Natureza Humana; Filosofia; Antropologia.

⁶⁰ Prof. Dr. efetivo de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), lotado no Departamento de Teoria e Prática de Ensino (DTPEN). Atua na graduação e na pós-graduação - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO e Curso de Especialização em Filosofia da Educação. E-mail: maurodelabandera@yahoo.com.br.

REDUÇÃO DE RISCOS DE DESASTRES, RESPONSABILIDADES E SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS PARA UMA NOVA ÉTICA NO USO DAS ÁGUAS

*Michele Amorim Becker*⁶¹

*Saulo Henrique Souza Silva*⁶²

*Ivan Fontes Barbosa*⁶³

Resumo: O acesso à água, recurso essencial para a vida, enfrenta atualmente pressões crescentes devido à exploração excessiva, à poluição e à intensificação da variabilidade climática. Esses fatores não apenas comprometem a disponibilidade e a qualidade da água, mas também ampliam os riscos de desastres naturais, como secas graves e inundações recorrentes. Esta mesa redonda reunirá especialistas em Filosofia, Ciências Sociais e Comunicação para discutir a construção de uma nova ética no uso das águas, com foco especial na Redução de Riscos de Desastres (RRD), na promoção de soluções sustentáveis e na discussão sobre o direito de acesso das populações a esse recurso fundamental. Neste contexto de vulnerabilidade crescente, é necessário redefinir o uso ético da água para que políticas e práticas sejam orientadas pela justiça ambiental e social. Diante das mudanças climáticas e da deficiência hídrica cada vez mais frequente, uma ética que prioriza a equidade, a sustentabilidade e a resiliência não é apenas temporária, mas essencial para proteger comunidades e garantir a segurança hídrica. A complexidade dos desafios enfrentados para construir uma ética renovada e responsável no uso das águas e na prevenção de desastres exige uma abordagem interdisciplinar. O envolvimento de diferentes áreas é crucial para desenvolver soluções abrangentes e eficazes. A interdisciplinaridade, base da discussão ambiental, permite integrar diferentes perspectivas e habilidades, facilitando a criação de políticas públicas robustas, tecnologias inovadoras e estratégias de engajamento comunitário que respondem às diversas dimensões do problema. Superar esses obstáculos interligados requer esforços colaborativos e sustentáveis de governos, empresas, organizações e cidadãos. O objetivo comum é garantir o acesso justo e a implementação de práticas que protejam este recurso finito para as gerações futuras, transformando a gestão da água em um compromisso ético e interdisciplinar que integre a sustentabilidade e a resiliência como pilares fundamentais de uma sociedade mais preparada para os desafios do século XXI.

Palavras-Chave: Ética no uso das águas; Soluções sustentáveis; Redução de Riscos de Desastres.

⁶¹ Prof. Dra. do Departamento- DCOS/UFS. E-mail: micheleab@gmail.com

⁶² Prof. Dr. do CODAP/ PPGF/UFS. E-mail: saulohenrique01@hotmail.com.

⁶³ Prof. Dr. do DCS/PPGS/UFS. E-mail: ivanfontesbarbosa@gmail.com.

POR UMA NOVA ÉTICA NO USO DAS ÁGUAS

*Cristiano Wellington Noberto Ramalho*⁶⁴

*Evaldo Becker*⁶⁵

Resumo: No decorrer dos últimos anos as problemática ambientais têm despertado grande interesse, e dentre as questões ambientais mais problemáticas está a relação dos seres humanos com as águas do Planeta. No *Relatório Mundial das Nações Unidas sobre Recursos Hídricos de 2019*, a entidade alerta-nos para o “estresse hídrico crescente” e para o aumento “potencial de conflitos entre seus usuários” (ONU, 2019, p. 2). O relatório enfatiza a gravíssima situação das águas do planeta e nos convida a trabalhar no sentido de compreender melhor a questão e agir para tentar atenuar seus nefastos resultados. Nesse sentido, pensamos ser fundamental refletirmos e agirmos para modificarmos a forma nefasta como nos relacionamos com a natureza circundante. Para tanto, acreditamos ser fundamental compreendermos melhor as origens de nosso comportamento ético em relação à natureza, e em especial, às águas do planeta. Apesar de a ética ambiental ser um campo dos estudos estruturados recentemente, as reflexões éticas que examinam as intrincadas relações da humanidade com a natureza circundante fazem parte da reflexão filosófica desde o nascimento da filosofia. Para compreendermos de forma mais precisa como se desenvolvem as reflexões éticas que analisam as relações entre a humanidade e a natureza circundante, sobretudo no que diz respeito à água, examinaremos alguns textos de filósofos, naturalistas e ecologistas modernos e contemporâneos. Dentre estes, nos concentraremos principalmente em escritos de Jean Jacques Rousseau, Alexander Von Humboldt, Elisée Reclus e Henry David Thoreau. Para além disso, examinaremos *en passant*, a atual situação dos povos das águas e dos conflitos que estes enfrentam em nosso Brasil contemporâneo.

Palavras-Chave: Ética ambiental; Uso das águas; Filosofia da natureza.

⁶⁴ Prof. Dr. do Departamento de Sociologia (DS) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Secretário Nacional de Pesca Artesanal. E-mail: cristiano.ramalho@mpa.gov.br.

⁶⁵ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: evaldobecker@gmail.com.

JORNADA “KANT 300 ANOS”

(MESAS REDONDAS)

KANT E A CRÍTICA À METAFÍSICA DOGMÁTICA.

Carlos Eduardo de Azevedo Pereira⁶⁶

Resumo: Kant revolucionou a concepção de metafísica ao sustentar que só temos a capacidade de conhecer os fenômenos, ou seja, as coisas tais como se apresentam a nós, e não as "coisas em si" ou a essência última da realidade. Parte-se não mais do objeto, mas do sujeito e das suas representações para verificar o que nelas há de objetivo. O objeto existe, mas só se torna objeto constituído quando o sujeito o enfrenta e o compõe como tal. Portanto, o que vemos nas coisas é o que colocamos nelas, pois são as categorias do entendimento que tornam a experiência possível. Estabelecidos esses princípios, Kant limita a razão: o conhecimento humano é restrito aos objetos dados pelo campo condicionado da natureza. Fora dela, o homem só pode pensar sobre os objetos, e não conhecê-los. Postas tais premissas, o criticismo redireciona a metafísica – tida como ciência do ser e dos domínios do ser – para o interesse pela subjetividade. A investigação acerca das ideias de Deus, da alma e da liberdade, por exemplo, ficam adstritas, já que as mesmas não se fundamentavam em qualquer base sensível, por isso mesmo a necessidade de uma nova metodologia para avaliar os domínios da metafísica como ciência diante da incapacidade da razão especulativa de conhecer o suprasensível. Graças à lógica transcendental, a metafísica torna-se a ciência da compreensão pura e do conhecimento racional das estruturas *a priori*. Temos, desta forma, o embasamento para a denúncia da metafísica dogmática e seus erros. Não há dúvidas de que a crítica de Kant atinge o pensamento de autores como Descartes, Leibniz e Wolff, que em suas filosofias esforçam-se por fundamentar a possibilidade do conhecimento de modo a não depender da experiência. Kant acusa o racionalismo de provocar uma crise na metafísica, uma vez que a razão, ao desconsiderar a experiência sensível, não conseguiu estabelecer um conhecimento sólido. Diante de semelhante cenário, uma questão pode ser levantada: a acusação de dogmatismo recai com justeza sobre todos os sistemas metafísicos? E ainda poderíamos perguntar: qual metafísica Kant pretende, efetivamente, restaurar? A avaliação do filósofo de Königsberg parece não se estender à metafísica clássica, como a de Aristóteles e a de Tomás de Aquino, que une a experiência sensível à compreensão intelectual, prevenindo a separação da razão dos dados empíricos. O objetivo do trabalho é, então, apresentar a crítica kantiana à metafísica dogmática, de maneira a identificar o seu alcance frente ao racionalismo e aos sistemas metafísicos que o antecedem.

Palavras-chave: Metafísica; Dogmatismo; Kant.

⁶⁶ Graduando do curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Edmilson Menezes (DFL/PPGF/UFS). E-mail: duduazevedopereira@gmail.com.

KANT E A FISIOLOGIA DAS DOENÇAS MENTAIS

*Edmilson Menezes*⁶⁷

Resumo: No *Ensaio sobre as doenças mentais*, Kant, a partir de uma tentativa de explicação dos mecanismos de desenvolvimento do fenómeno patológico, sustenta que a origem dos distúrbios da faculdade de conhecimento está no corpo, mais exatamente no mau funcionamento de determinados órgãos. Suas causas, portanto, não são lógicas e as incorreções judicativas quando se apresentam são efeitos da irregularidade orgânica. O trabalho pretende expor alguns elementos desta sustentação, de forma a realçar o seu fundamento empírico, o qual, de certo modo, associa o filósofo a uma medicina organicista e funcional. Kant tende a um parecer empirista porque encara o desenvolvimento da afecção como condicionado a uma inversão das representações perceptivas; sua escolha é organicista porque percebe a estrutura corporal, o aparelho digestivo em particular, como matriz das diversas indisposições do ânimo. Ao assumir tal posição, o autor do *Ensaio* espelha as formulações da medicina do seu tempo, como prova a sua leitura do semanário científico *Der Arzt*, publicado entre 1760 e 1764 na Alemanha. O editor do periódico, o médico Johann August Unzer, dedicava-se ao estudo do papel do sistema de nervos na produção das representações sensíveis. Unzer defendia o nexos entre as dificuldades digestivas e as doenças da cabeça. A melhora da digestão pode trazer inúmeros benefícios, inclusive para certos tipos peculiares de mazelas, quer dizer, as doenças do humor como a melancolia ou a loucura. Com efeito, traça-se uma conexão fisiológica especial entre o abdômen e a mente passando pelo diafragma e o estômago, incluindo os intestinos. Como múltiplos filamentos nervosos ali se unem, forma-se um centro de força animal e quaisquer lesões violentas naquela região causam alterações expressivas por todo o corpo, bem como as consequências advindas de tais impactos perturbam muitas funções anímicas. Ao cancelar as teses de Unzer, Kant se mostra favorável à primazia da medicina em detrimento do plano que opta pela prevalência das forças espirituais na compreensão e na terapêutica das doenças mentais. Se as paixões são apenas causas acessórias e não essenciais, se tudo se passa no corpo, em especial no baixo-ventre, o filósofo não pode fazer muita coisa diante dos quadros de perturbação mental, já que toda esperança de cura está na purga. Por consequência, o protagonismo é do médico e não do filósofo, e este deverá contentar-se com a função de consolador, de exortador. O filósofo é forçado a reconhecer os limites de sua reivindicação histórica de curar a mente por meio do discurso e de manter a integridade do sujeito graças ao controle de si.

⁶⁷ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: edmilson@academico.ufs.br.

Palavras-chave: Kant; medicina; doenças mentais.

O CONCEITO DE *A PRIORI* NO PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT: AS INTERPRETAÇÕES DE MAX SCHELER

Luiza Aparecida Bello Borges⁶⁸

Resumo: Este trabalho alicerça-se em uma pesquisa de doutorado em andamento que pretende investigar as interpretações de Max Scheler, presentes na obra *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik*, acerca do conceito de *a priori* que permeia o pensamento de Immanuel Kant, concordando com as características da universalidade, da necessidade e da formalidade (parcialmente) e discordando totalmente da característica da transcendentalidade. A tese scheleriana do *a priori* material advém das interpretações feitas do modo com o qual tais características se apresentam na argumentação de Kant. Tal tese de Scheler pretende oferecer um conceito de *a priori* cuja funcionalidade das suas características se realize plenamente tanto no domínio teórico quanto no domínio prático. Scheler concorda parcialmente com a característica da formalidade, mas assume que o erro fundamental do pensamento kantiano é a identificação necessária do *a priori* com o formal. E isso porque o filósofo entende que a formalidade - embora na filosofia teórica encontre lugar nas formas *a priori* da sensibilidade ordenadoras do conteúdo dado na fenomenalidade e que funcionam ao propósito da filosofia teórica de Kant que é responder a pergunta “o que posso conhecer?”-, ao ser aplicada à filosofia prática, se mostra insuficiente na medida em que Kant sustenta a tese do fato da razão. Como é possível uma proposta ética fundada no *a priori*, compreendida enquanto formal, ser também uma proposta ética que sustenta o fato da razão? Scheler argumenta que o esforço de Kant em fundamentar o fato da razão na *Kritik der praktischen Vernunft* em detrimento da dedução da lei moral presente na *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten* recai em um dogmatismo que não distingue um fato da razão de um outro fato qualquer (por exemplo, um fato psicológico, um fato das ciências naturais, etc). Há, porém, uma concessão de Scheler às “interconexões essenciais formais” existentes entre os valores. A formalidade que servirá ao conceito scheleriano de *a priori*, portanto, é uma formalidade estrita que se refere tão somente à independência que as interconexões entre os valores possuem em relação às próprias qualidades dos valores e dos bens que suportam esses valores. No tocante à característica da transcendentalidade, Scheler discorda totalmente de Kant, na medida em que a relação de subordinação entre as características da transcendentalidade e da universalidade, fundamental para a caracterização do conceito kantiano de *a priori*, está presente na *KrV*, mas não se sustenta na *KpV*, haja vista que naquela tal relação se revela na dedução transcendental cuja finalidade

⁶⁸ Doutoranda em Filosofia no PPGLM/UFRJ. Orientador: Prof. Dr. Antônio Saturnino Braga (PPGLM/UFRJ). E-mail: luizabelloborges@gmail.com.

é conferir validade universal aos juízos sobre os objetos da experiência. Na filosofia prática, contudo, a relação entre a transcendentalidade e a validade universal de juízos sobre objetos não é considerada, pois não há para Kant concessão à objetividade quando o problema que se apresenta é orientar um princípio supremo para a moralidade.

Palavras-chave: Formalidade; Transcendentalidade: *A priori*.

ONOMÁSTICA DAS ENFERMIDADES DA MENTE: FILOSOFIA E CURA NO *ENSAIO SOBRE AS DOENÇAS MENTAIS*, DE IMMANUEL KANT

Victor Sávio de Oliveira Tavares⁶⁹

Resumo: No *Ensaio sobre as doenças mentais* (1764) Kant desenvolve uma classificação das enfermidades da mente seguida de apreciação cujo cerne inclui uma proposta terapêutica na qual reserva um lugar para a filosofia. O empreendimento classificatório apresentado por Kant tem como norte o olhar de um observador e não de um filósofo ou médico, apesar de as catalogações providas pela medicina serem de grande influência no *Ensaio*. Kant nota a importância desse exercício de ordenação, não só para o médico e para o filósofo, como também para aquele que sofre de mazelas (entre elas, as mentais): “Assim nada me resta a fazer senão imitar o método dos médicos, que crêm ser muito úteis aos pacientes, quando dão um nome a sua doença, e esboço uma pequena onomástica das fraquezas da mente [...]” (Kant, 1993, p. 82). Podemos ver aqui o primeiro passo para pensarmos como o auxílio da filosofia será possível no que tange às doenças do ânimo e sua classificação. O primeiro conhecimento da doença desvenda, perante o entendimento do paciente, as características principais da moléstia e, com essa compreensão, a doença perde o seu valor de impenetrabilidade, mostrando sua oportunidade de cura. É também notável como a separação entre médico e filósofo se torna ambígua. O filósofo, para poder enfrentar a problemática das doenças do espírito, necessita aproximar o seu método ao do médico, dito de outro modo, se o filósofo quer propor uma cura, terá que ir além das elucubrações afastadas da experiência, e o trabalho onomástico necessita de uma abordagem antropológica que, por sua vez, precisa ser empírica para tornar-se uma análise precisa das tendências comportamentais do homem. A organização das doenças mentais no *Ensaio* será guiada por esses elementos. Portanto, o nosso objetivo é apresentar a classificação das doenças da mente estabelecida por Kant e a partir dela entender como uma orientação terapêutica se apresenta na obra em questão.

Palavras-chave: Doenças mentais; Cura; Kant.

⁶⁹ Licenciado em Filosofia, mestrando em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF), ambos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orientador: Prof. Dr. Edmilson Menezes (DFL/PPGF/UFS). E-mail: juioh99@hotmail.com.

KANT E O PROBLEMA DA VONTADE

*Arthur Grupillo*⁷⁰

*Everaldo Vanderlei de Oliveira*⁷¹

*João Alexandre de Viveiros Cabeceiras*⁷²

Resumo: Uma das preocupações centrais do pensamento de Kant é compreender o significado da moralidade. Com efeito, para chegar a um bom termo deste significado, Kant baseou-se essencialmente num certo número de conceitos provenientes de um estudo centrado nas motivações da ação. É assim que aparecem os conceitos de vontade e de liberdade, entre outros. A vontade se configura como uma capacidade de escolher apenas aquilo que a razão reconhece como praticamente necessário. É a faculdade superior de desejar, ou seja, a faculdade de determinar-se segundo a representação da lei, e, deste modo, a vontade nada mais é do que a razão prática. Em outras palavras, a vontade é capaz de dar a si mesma a lei da sua ação fora dos motivos da sensibilidade e, portanto, adequa-se à forma pura da sua própria legislação. Logo, para qualquer ser finito racional, a vontade deve ser pura, isto é, independente de motivos sensíveis. Vemo-nos perante uma liberação da vontade das atrações sensíveis, das inclinações, do que o filósofo chama de determinações patológicas. Neste sentido, a mesa propõe uma discussão em torno da vontade como noção estruturante da filosofia prática.

Palavras-Chave: Kant; Problema da vontade; Liberdade.

⁷⁰ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: aegrupillo@gmail.com.

⁷¹ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: evoetha@hotmail.com.

⁷² Prof. Dr. do DFL/UFS. E-mail: alexandre.cabeceiras@gmail.com.

MESAS REDONDAS
DA XXV SEMANA DE
FILOSOFIA

O PROBLEMA DO CRITÉRIO: JULGAMENTO E COMPROMISSO

*Adilson A. Koslowski*⁷³

*Deivide Garcia da Silva Oliveira*⁷⁴

Resumo: A ciência no século XX passou de modelo de racionalidade quase indiscutível às filosofias da ciência pós-modernas e sociologias do conhecimento que questionaram a legitimidade epistêmica e ontológica da ciência. Esse fenômeno não ficou restrito às altas esferas das discussões filosóficas e científicas, mas ganhou a praça com questionamentos sobre a mudança do clima, a eficácia e segurança das vacinas, a validade das psicoterapias, a cientificidade da teoria da evolução das espécies etc. Uma das preocupações dos filósofos da primeira metade do século passado foi resolver o problema do critério. Sustentar um critério que permitiria demarcar a ciência de outras atividades, principalmente a metafísica e a pseudociência. Contudo, o filósofo Larry Laudan em “*The Demise on the Demarcation Problem*” (1983) sustentou não haver tal critério, mas apenas preconceito. Contudo, muitos filósofos contemporâneos sustentam que é possível, mesmo que não oferecendo um critério para separar a ciência da pseudociência, mas um conjunto de virtudes ou valores epistêmicos e pragmáticos. Deseja-se nessa comunicação sustentar que tal conjunto de virtudes não nos oferecem um algoritmo, seja dedutivo ou indutivo, mas ajudam a fornecer um julgamento sobre o assunto. Bem como o problema do critério está vinculado a uma determinada filosofia da ciência e não a um ponto de vista neutro.

Palavras-chave: Critério; Demarcação; Ciência; Pseudociência; Valores.

⁷³ Prof. Dr. do DFL/UFS. E-mail: adilsonkoslowski@yahoo.com.br.

⁷⁴ Prof. Dr. do DFL/UFS. E-mail: deividegso@academico.ufs.br.

ÉTIENNE GILSON: REFLEXÕES CONTRA A SUA APROPRIAÇÃO PELA DIREITA CONSERVADORA BRASILEIRA

*Cicero Cunha Bezerra*⁷⁵

*Evaniel Brás dos Santos*⁷⁶

*Romero Júnior Venâncio Silva*⁷⁷

Resumo: Sobre a chamada “Idade média” pesa, muitas vezes por ignorância histórica filosófica, o julgamento de atraso em matéria de conhecimento e avanços, sejam religiosos, políticos ou sociais. A contracorrente dos sérios estudos de historiadores como Jacques Le Goff, Régine Pernoud e Alain de Libera, só para citar os pioneiros e mais conhecidos em solo brasileiro, que desconstruíram o mito das “trevas”, agentes da extrema direita brasileira não somente ignoram a complexidade de pensamento que há sob o rótulo de “Idade média”, como também, apoiam-se adaptando conteúdos filosóficos aos seus interesses particulares, sejam morais, religiosos ou políticos. O caso mais evidente desses interesses, além da apropriação do pensamento de Tomás de Aquino como autoridade para questões de gênero, por exemplo, encontra-se na figura de um dos mais importantes filósofos medievalistas da história do pensamento ocidental: Étienne Gilson. Essa Mesa Redonda tem, assim, o objetivo de apresentar alguns aspectos inovadores das reflexões de Gilson sobre a filosofia medieval, bem como, fazer refletir acerca das leituras conservadoras atuais do seu pensamento que longe de contribuírem para um melhor conhecimento da sua filosofia, o torna baluarte de ideias completamente estranhas aos seus interesses como pensador.

Palavras-chave: Étienne Gilson; Conservadorismo; Direita católica.

⁷⁵ Prof. Dr. do DFL/PPGF/PPGCR/UFS. E-mail: cicerocunha@academico.ufs.br.

⁷⁶ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: evanielbras@academico.ufs.br.

⁷⁷ Prof. Dr. do DFL/PPGCR/UFS. E-mail: romerov@academico.ufs.br.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, MARXISMO E IMPLICAÇÕES ÉTICAS. FRONTEIRAS

*Deivide Garcia da Silva Oliveira*⁷⁸

*Luíz Manoel A. Meneses*⁷⁹

*Romero Júnior Venâncio Silva*⁸⁰

Resumo: Público e notório a presença da Inteligência artificial (IA) em nossas vidas. De maneira suave e efetiva, a IA entrou em nossas vidas práticas e cognitivas. Na academia, na vida cotidiana, na política e em decisões importantes vemos cada vez mais essa "tecnologia" se tornar dominante. Vemos nas mídias, cultura e economia os entusiastas de toda a parafernália da IA e seu rastro. Os mais afoitos já vaticinaram: será o futuro da humanidade. Não temos como negar essa realidade, afirmam. Será mesmo? Entre outros, cabe aos "filósofos" perguntarem. Mas a quem pertencerá a razão? Ofício exigente desde o pensador Sócrates na cultura Ocidental, para a filosofia cabe ao menos o papel de andar em descompasso com os afoitos. A nossa mesa de reflexão mais do que trazer respostas prontas ou discurso de "auto-ajuda", quer ser um momento de chamar a atenção para a realidade da IA e suas consequências em sociedade concretas e divididas em classe. O recurso digital nunca foi neutro ou tem apenas a intenção de ajudar. Tem implicações éticas severas e cabe ao espaço filosófico chamar a atenção e fazer uma reflexão rigorosa atendida com os fatos. Desde a monumental obra "O Capital", Karl Marx chamou atenção para o desenvolvimento tecnológico, sua importância e suas contradições, e o que repousa sobre nós agora é a necessidade de avançar nestas reflexões.

Palavras- Chave: Inteligência artificial; Trabalho; Filosofia.

⁷⁸ Prof. Dr. do DFL/UFS. E-mail: deividegso@academico.ufs.br.

⁷⁹ Juiz Titular da 4ª Vara do Trabalho de Aracaju/SE. Prof. Dr. em filosofia pelo PPGF/UFS. E-mail: luizgesto@gmail.com.

⁸⁰ Prof. Dr. do DFL/PPGCR/UFS. E-mail: romerov@academico.ufs.br.

MODERNIDADE, RAÇA E COLONIALISMO

*Saulo Henrique Souza Silva*⁸¹

*Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro*⁸²

Resumo: Em um primeiro momento, o Prof. Saulo Henrique Souza Silva mostrará até que ponto o projeto filosófico desenvolvido por Locke, e por pensadores de seu círculo intelectual, foi desenvolvido como uma espécie de background intelectual para os interesses coloniais da Inglaterra na América. Para levar a cabo essa tarefa, discorreremos sobre como o círculo em que Locke estava envolvido desde que frequentou a Royal Society estava imbuído em conhecer as particularidades antropológicas e naturais do Novo Mundo, o modo com a literatura de viagem foi utilizada como fonte desses dados e a relação de Locke com o projeto colonial inglês. Os textos originais dos autores serão cotejados com dados da época e com a crítica pós-colonial que vem sendo desenvolvida sobre esse período da filosofia. Em seguida, o Prof. Marcos Balieiro partirá de algumas considerações sobre as bases filosóficas das concepções de raça no século XVIII para, a partir daí, detalhar a maneira como incidem nas concepções de David Hume sobre raça e, particularmente, na maneira como ele estabeleceu, naquela que passou a ser conhecida como “nota de rodapé infame”, sua concepção sobre povos negros. Então, evidenciar-se-á que, em que pesem as críticas de Hume ao sistema colonial, a maneira como ele discute o tráfico de escravos para as colônias americanas é, na melhor das hipóteses, ambígua, ainda que não esteja ligada, propriamente, às concepções do filósofo sobre raças.

Palavras-chave: Filosofia moderna. Raça. Colonialismo.

⁸¹ Prof. Dr. do CODAP/PPGF/UFS. E-mail: saulohenrique01@hotmail.com.

⁸² Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: mbalieiro@academico.ufs.br.

A PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA NO BRASIL: PERSPECTIVAS INSTITUCIONAIS E POLÍTICAS

*Antônio Carlos dos Santos*⁸³

*Cristiano Bonneau*⁸⁴

*Rodrigo Brandão*⁸⁵

*Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro*⁸⁶

Resumo: Nos últimos anos, a pós-graduação em filosofia se expandiu de maneira vigorosa na região Nordeste de nosso País. Esse movimento tem tido resultados expressivos, que ficam evidentes tanto no caso do reconhecimento da excelência de programas como o da Universidade Federal da Bahia, que obteve a nota 6 na última avaliação quadrienal, quanto no processo de consolidação de polos regionais que vêm se tornando cada vez mais reconhecidos. Esse processo, aliás, pode ser observado no caso do próprio PPGF/UFS, que obteve a nota 4 e vem atraindo público cada vez mais diverso. Na mesa que ora propomos, pretende-se discutir não apenas os termos em que a expansão da pós-graduação em filosofia vem ocorrendo em universidades nordestinas, mas, também, o cenário institucional e político que vem sendo enfrentado, particularmente quando se consideram fatores como distribuição de recursos e critérios de avaliação por parte da CAPES. O debate terá por objetivo não só a realização de um diagnóstico nesse sentido, mas, também, mostrar a importância da cooperação regional no que diz respeito à consolidação da área no Nordeste.

Palavras-chave: Pós-Graduação. Filosofia. Nordeste. Brasil.

⁸³ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: acsantos12@academico.ufs.br.

⁸⁴ Prof. Dr. na UFPB. E-mail: rbonneau1@gmail.com.

⁸⁵ Prof. Dr. na UFPR. E-mail: rodribran@hotmail.com.

⁸⁶ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: mbalieiro@academico.ufs.br.

BENTO PRADO JR. E O ENSAÍSMO FILOSÓFICO

*Ahmed Zogbi*⁸⁷

*Matheus Hidalgo*⁸⁸

*Romero Júnior Venâncio Silva*⁸⁹

Resumo: Refletir sobre a filosofia no mundo contemporâneo (ocidental) é enfrentar o tema do "Ensaio". Forma "breve" que não se fecha em sistema. O ensaio será sempre aberto diante do tema que enfrenta. Se posiciona. Torna a filosofia, de certa forma, um engajamento. O nosso trabalho coletivo tem como referência básica o ensaísmo filosófico brasileiro de Bento Prado Jr. (1937-2007). Foi filósofo, escritor, professor, crítico literário, tradutor e poeta brasileiro. O filósofo Paulo Arantes dizia dele: "Em meados dos anos 60, Bento Prado Jr. era uma ilha de literatura cercada de filosofia por todos os lados." O nosso objetivo na comunicação desta mesa e numa semana de filosofia, será o desdobrar dessa "ilha literário-filosófica" que foi a filosofia de Bento Prado no Brasil. Destacaremos experiências com Bento Prado e sua filosofia; Chamaremos a atenção para alguns textos; Seu método aparentemente não metódico e uma filosofia como experiência viva em contato com forças vivas estético filosóficas.

Palavras-Chave: Filosofia Brasileira; Ocidentalismo; Bento Prado Jr.

⁸⁷ Prof. Dr. do PPGF/CEAI/UFS. E-mail: elzoghbi@terra.com.br.

⁸⁸ Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: matheushidalgo@gmail.com.

⁸⁹ Prof. Dr. do DFL/PPGCR/UFS. E-mail: romerov@academico.ufs.br.

GEFILUFS: INTRODUÇÕES À FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

*Cristiano Bonneau*⁹⁰

*William de Siqueira Piauí*⁹¹

Resumo: O Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da Universidade Federal de Sergipe (GEFILUFS) realiza reuniões semanais e vários eventos durante o ano voltados para a divulgação, acompanhamento e reestruturação das pesquisas desenvolvidas pelos seus integrantes. Na prática, tais reuniões e eventos funcionam como momentos de discussão nos quais possibilidades de articulação entre as pesquisas se apresentam. Nesse sentido, o grupo tem trabalhado sobretudo com as áreas de filosofia moderna e filosofia contemporânea, priorizando caracterizar o diálogo entre essas tradições, principalmente de modo a entender as repercussões de certas escolas modernas no pensamento contemporâneo. Tradicionalmente, o grupo possui um núcleo de estudos leibnizianos, o qual passou a desenvolver pesquisas voltadas para a assimilação do impacto de Leibniz, dentre outros, na obra de Deleuze. Atualmente, temos nos concentrado em entender também o impacto da filosofia de Espinosa na filosofia francesa contemporânea. Assim, o estudo das tradições do estruturalismo e do pós-estruturalismo são uma constante, de modo que pesquisas sobre autores que realizam diálogos com essas escolas também são contempladas, como é o caso das recentes pesquisas e já de significativo número sobre o pensamento de Slavoj Žižek, o que se coaduna, ainda, à grande importância que conferimos à tradição marxista, sobretudo, nos últimos meses, a partir do pensamento de Louis Althusser. Da mesma forma, desenvolvemos pesquisas que versam sobre a forma como Deleuze pensou certas problemáticas da fenomenologia a partir do diálogo com Sartre e Husserl, o qual pressupõe também a compreensão da forma como esses autores assimilaram elementos tanto da filosofia kantiana como da cartesiana. A partir desses cruzamentos, portanto, propomos a realização de duas apresentações no formato mesa redonda, uma voltada para a filosofia moderna e outra para a filosofia contemporânea, para discutirmos um pouco as pesquisas desenvolvidas atualmente pelo grupo, bem como as possibilidades que se apresentam para o futuro.

Palavras-chave: Leibniz; Espinosa; Marx; Althusser; Deleuze; Derrida; Žižek; Filosofia Moderna; Filosofia Contemporânea.

⁹⁰Prof. Dr. da UFPB e pós-Doc no PPGF/UFS. E-mail: rbonneau1@gmail.com.

⁹¹Prof. Dr. do DFL/PPGF/UFS. E-mail: piauiusp@gmail.com.

O HOMEM *ANANDROS*: MANIFESTAÇÃO, QUANTIFICAÇÃO E REFORMA DA VIRILIDADE NA *REPÚBLICA* DE PLATÃO (VIII, 548C-550C)

Cecília Mendonça de Souza Leão Santos⁹²

Flora Mangini⁹³

Resumo: Nesta comunicação, examinaremos o uso que Platão faz do adjetivo *anandros* (literalmente um “não-homem” ou “pouco viril”) para descrever uma pessoa de caráter filosófico no Livro VIII da *República*. O contexto direto é o da gênese da personalidade timocrata em uma pessoa, que Sócrates localiza nos sentimentos de vergonha e nos desejos de auto-afirmação que o filho de um homem de tipo filosófico sente. O contexto mais largo é o da progressiva degeneração das formas de governo descritas por Sócrates enquanto instrumentos para analisar um processo semelhante que acontece na formação das personalidades individuais. Neste esquema, a cidade bem governada se transforma antes numa timocracia, em seguida numa oligarquia e então numa democracia e numa tirania. Para interpretar a função destes sistemas na teoria política de Platão, é determinante examinar os seus instrumentos de avaliação. Dentre os quais a honra e o dinheiro ocupam um lugar proeminente enquanto medidas de valor tipicamente consideradas como índices de masculinidade e poder, e que são pertinentes a todas as formas ruins de governo examinadas. Consequente a esta análise, encontramos no argumento final da *República* uma reavaliação da relação entre masculinidade, dinheiro, honra e poder. Ao fazê-la, Platão provoca uma remodelagem do discurso sobre o espaço público, tradicionalmente não apenas masculino, mas intimamente ligado à agonística e à guerra. Espaços de decisão dos quais foram historicamente excluídos não só mulheres, mas também filósofos.

Palavras-Chave: O Homem *Anandros*; Platão; Filosofia.

⁹² Prof. Dra. do DFL/UFS. E-mail: cecilialeo@gmail.com.

⁹³ Prof. Dra. do DFL/UFS. E-mail: flora.manga@gmail.com.

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

TARDE - MESAS E COMUNICAÇÕES

Horário: 13:30h - 15:30h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicação I

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Geovana Andrade (UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Ana Beatriz Silva Moura (UFS): *Filosofia, Feminino e Negritude em Machado de Assis.*

(14:00 - 14:30): Evaniel Brás dos Santos (DFL/PPGF/UFS): *Racionalidade, introspecção e natureza em Maria Firmina.*

(14:30 - 15:00): Thalita Daniel da Paixão (PPGF/UFS): *Noções de feminino, escravidão e liberdade em Maria Firmina.*

(15:00 - 15:30): Elizabete Matos Dos Santos (PPGF/UFS): *Escravidão, sociedade e teologia natural em Maria Firmina dos Reis.*

Sessão de comunicação II

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Lucas Santos (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30- 14:00): Iuri Ribeiro dos Santos (PPGF/UFS): *Byung-Chul Han e o espírito da esperança no mundo contemporâneo*

(14:00 - 14:30): Clara Leite Lisboa (PPGF/UFS): *Imagem e política em Jacques Rancière: quando a imagem é política?*

(14:30 - 15:00): Lucas Américo Andrade Santos (PPGF/UFS): *O erudito e o popular na arte em Rancière: sintoma do regime representativo.*

(15:00 - 15:30): Igor Ferreira Fontes (PPGF/UFS): *Igualdade em Francesco Guicciardini.*

Sessão de comunicação III

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Nilmária Silveira Alves (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Juliane da Mota Santos (PPGF/UFS): *Natureza e formação feminina em David Hume.*

(14:00 - 14:30): Doramis Dória Oliveira (PPGF/UFS): *A Desnaturalização do sexo em Judith Butler.*

(14:30 - 15:00): Laura Danielle Lima Santos (PPGF/UFS): *O fim das penas e a teoria democrática em Mouffe.*

(15:00 - 15:30): Ingrid Barbosa dos Reis (UFS): *O bem supremo, liberdade e pessoas negras: a exclusão do paraíso na terra.*

MESAS REDONDAS

Horário: 16h -18h

Comunicações paralelas

Mesa redonda I: *Filosofia, IA, Marxismo*

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Prof. Dr. Romero Venâncio (DFL/PPGCR/UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Deivide Garcia da Silva Oliveira (DFL/UFS): *IA e a Filosofia*;

Dr. e Juiz Titular da 4ª Vara do Trabalho de Aracaju/SE, Luiz Manoel A. Meneses: *Marx e a IA*.

Mesa redonda II: *Modernidade, raça e colonialismo*

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Marcos Vinícius Lima (UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Saulo Henrique - CODAP/PPGF/UFS

Prof. Dr. Marcos Balieiro - DFL/PPGF/UFS

(Intervalo 18h - 19h)

NOITE - ABERTURA E CONFERÊNCIA

ABERTURA

Horário: 19h - 19:30h

Local: Auditório da Didática 5

Participantes:

Pró-reitor; Coordenador PPGF; Coordenador DFL, Comissão Prof. Dr. Deivide Garcia (DFL/UFS) e Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS).

CONFERÊNCIA PRINCIPAL: *A questão do mal na Filosofia Moderna.*

Horário: 19:30h - 22h

Local: Auditório da Didática 5

Mediador: Prof. Dr. Evaldo Becker (UFS/PPGF/UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Rodrigo Brandão (UFPR): *A questão do mal*.

Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos (DFL/PPGF/UFS): *John Locke e o mal da política*.

QUARTA-FEIRA (11/12/2024)

TARDE - MESAS E COMUNICAÇÕES

Horário: 13:30h - 15:30h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicação I

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Geovana Andrade (UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Bruno Leite Barros (UFS): *A metafísica do tempo em Tomás de Aquino e Christine de Pizan.*

(14:00 - 14:30): Geovanna Pereira Moura de Santana (UFS): *Cristianismo feminino e religiosidade leiga em Heloísa de Argenteuil.*

(14:30 - 15:00): Paula Monique Vieira dos Santos (UFS): *Humanidade e feminino em Christine de Pizan.*

(15:00 - 15:30): Kauã de Jesus Santos (UFS): *A metafísica da ideia de mulher em Agostinho de Hipona.*

Sessão de comunicação II

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Ingrid Barbosa (UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Fernanda Santos da Cruz (UFS): *A dimensão religiosa presente nas multidões: uma análise à luz de Gustave Le Bon.*

(14:00 - 14:30): José Antonio Santos de Oliveira (UFS): *A polarização da política brasileira e a instrumentalização do discurso religioso pela direita sob a ótica da hermenêutica de John D. Caputo.*

(14:30 - 15:00): Carlos Alberto Nunes Junior (PPGF/UFS): *Marx e Jesus: Diálogo sobre fé, justiça social e revolução no pensamento de Samuel Gotay.*

(15:00 - 15:30): Ivanilton Aragão de Moura (PPGF/UFS): *O conceito de Deus como um acontecimento no pensamento de John Caputo.*

Sessão de comunicação III

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Paloma Alves (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Guylherme de Souza Felix da Silva (UNICAP): *O Deus de Leibniz e o princípio da razão suficiente: fundamentos e implicações.*

(14:00 - 14:30): Rayane Ribeiro Dos Santos (PPGF/UFS): *Influência de Leibniz na modernidade e contemporaneidade.*

(14:30 - 15:00): Giovani Pinto Lírio Júnior (PPGF/UFS): *Os dois tempos da linguagem: uma leitura da teoria da linguagem leibniziana à luz da psicanálise lacaniana.*

(15:00 - 15:30): Uilson de Meneses Hora (PPGF/UFS): *A Gênese da Modernidade: a dominação e a Teoria Crítica em Horkheimer.*

MESAS REDONDAS

Horário: 16h -18h

Comunicações paralelas

Mesa redonda I: *Jornada 300 “Kant 300 anos”*

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Lucas Santos (PPGF/UFS)

Palestrantes:

Carlos Eduardo de Azevedo Pereira (UFS): *Kant e a crítica à metafísica dogmática.*

Luiza Aparecida Bello Borges (PPGLM/UFRJ): *O conceito de a priori no pensamento de Immanuel*

Kant: as interpretações de Max Scheler.

Victor Sávio Oliveira Tavares (PPGF/UFS): *Onomástica das enfermidades da mente: filosofia e cura no Ensaio sobre as doenças mentais, de Immanuel Kant.*

Prof. Dr. Edmilson Menezes (DFL/PPGF/UFS): *Kant e a fisiologia das doenças mentais*

Mesa redonda II: *Bento Prado Jr. e o ensaísmo filosófico.*

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Paloma Alves (PPGF/UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Matheus Hidalgo - DFL/PPGF/UFS

Prof. Dr. Ahmed Zogbi - PPGF/CEAI/UFS

Prof. Dr. Romero Venâncio Silva - DFL/PPGCR/UFS

Mesa redonda III: *A pós-graduação em filosofia no Brasil: perspectivas institucionais e políticas.*

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Geovanna Moura (UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Cristiano Bonneau (UFPB)

Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (DFL/PPGF/UFS)

Prof. Dr. Rodrigo Brandão (UFPR)

Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos (DFL/PPGF/UFS)

(Intervalo 18h - 19h)

NOITE - CONFERÊNCIAS

Jornada “Kant 300 anos”

TÍTULO DA MESA - *Kant e o problema da vontade.*

Lançamento do livro: *Tópicos de Filosofia Kantiana – história, civilização e moralidade.*
(MENEZES, E. [org.])

Horário: 19h - 21h

Local: Auditório do DFL

Mediador: Victor Sávio Oliveira Tavares (PPGF/UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. João Alexandre de Viveiros Cabeceiras (DFL/UFS)

Prof. Dr. Arthur Grupillo (DFL/PPGF/UFS)

Prof. Dr. Everaldo Vanderlei de Oliveira (DFL/UFS)

QUINTA-FEIRA (12/12/2024)

MANHÃ- EXIBIÇÃO DE FILME

Horário: 9h-12h

Local: Auditório ADUFS

Exibição do Filme : *Uma História de Amor e Fúria* (2013) , seguido de debate.

Mediadora do debate: Profa. Dra. Michele Amorim Becker – DCOS-UFS

Participantes do debate:

Profa. Dra. Ana Paula Buzetto Bonneau – UPE

Profa. Dra. Edinéia Tavares Lopes – ASIE/ UFS

Profa. Dra. Rita Simone Barbosa- ASIE/ UFS

Sinopse do filme: Um homem (Selton Mello) com quase 600 anos de idade acompanha a história do Brasil, enquanto procura a ressurreição de sua amada Janaína (Camila Pitanga). Ele enfrenta as batalhas entre tupinambás e tupiniquins, antes dos portugueses chegarem ao país, e passa pela Balaiada e o movimento de resistência contra a ditadura militar, antes de enfrentar a guerra pela água em 2096.

Ficha Técnica:

Direção

Luiz Bolognesi e Jean de Moura

Roteiro

Luiz Bolognesi

Dubladores (vozes originais)

Selton Mello Personagem : Guerreiro Imortal

Camila Pitanga Personagem : Janaína

Rodrigo Santoro Personagem : Piatã

Paulo Goulart

Bemvindo Sequeira

Marcos Cesana

Trilha Sonora

Rica Amabis Compositor

Tejo Damasceno Compositor

Produção

Caio Gullane Produtor

Caio Gullane Produtor Executivo

Luiz Bolognesi Produtor de set

Selton Mello Produtor Associado

Debora Ivanov Produtor de set

Fabiano Gullane Produtor Executivo

Patrick Siaretta Produtor Associado

Fabiano Gullane Produtor

Laís Bodanzky Produtor

Sonia Hamburger Produtor Executivo

Equipe técnica

Helena Maura Montador

Empresas envolvidas

Gullane Filmes Production

EUROPA FILMES Distribution

TARDE - MESAS E COMUNICAÇÕES

Horário: 13:30h - 15:30h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicação I

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Nilmária Silveira Alves (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Paloma Ferreira Alves (PPGF/UFS): *A emoção sob a lente de Sartre: um fenômeno consciente de transformação do mundo*

(14:00 - 14:30): Everaldo da Silva Reis (PPGF/UFS): *Corpo, carne e tecnologia: uma leitura do real e do virtual a partir de Merleau-Ponty.*

(14:30 - 15:00): David Angelo Oliveira Rocha (PPGF/UFS): *A “seriedade da existência” e a sabedoria do riso em Nietzsche.*

(15:00 - 15:30): Rosângela Sousa de Almeida (PPGF/UFS): *Estado de exceção e ética na contemporaneidade: diálogo entre Walter Benjamin e Giorgio Agamben.*

Sessão de comunicação II

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Victor Sávio de Oliveira (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Daniel Dias Santana (UEFS): *O neoliberalismo como processo de subjetivação do capital: uma análise marxista.*

(14:00 - 14:30): Magno Francisco da Silva (PPGF/UFS): *O que é fascismo neoliberal?*

(14:30 - 15:00): Percy Daniel Arce Santos (UFS): *Terras indígenas e liberalismo: Uma leitura ao conceito de propriedade em John Locke.*

(15:00 - 15:30): Jacson Farias Rodrigues (UFS): *Cinismo e Marxismo-Leninismo: qual o melhor caminho para disputar a ética hegemônica?*

Sessão de comunicação III

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Rayane Ribeiro (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Marcos Rodrigo Rabelo Amado (UFS): *Uma breve introdução à filosofia contemporânea francesa: o Sartre de Deleuze.*

(14:00 - 14:30): Marcos Sávio Santos Aguiar (PPGF/UFS): *Do princípio de individuação às singularidades preindividuais: uma conexão entre Simondon e Deleuze.*

(14:30 - 15:00): José Lino da Cruz Junior (UFS): *A influência da teoria da formação das etapas do desenvolvimento produtivo de Karl Marx na teoria Deleuze-Guattariana das três sínteses do inconsciente.*

(15:00 - 15:30): André Luiz Marques de Souza (PPGF/UFS): *O problema do evolucionismo das formações sociais em Pierre Clastres e Deleuze e Guattari.*

MESAS REDONDAS

Horário: 13:30h - 15:30h

Mesa redonda I: 7º Seminário Filosofia e Natureza

Local: Auditório ADUFS

Mediador: Yaron Amaral (UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Sízínio Lucas Ferreira de Almeida (Professor da Rede Estadual): *O Papel das Commodities na*

Batalha dos Mares, entre Grotius e Selden.

Prof. M.e. João Colognesi Serpa (PPGF/UFS): *O Papel das Commodities na Batalha dos Mares, entre Grotius e Selden.*

Prof. M.e. Douglas Campos (Professor da Rede Estadual): *Thoreau e a Filosofia da Natureza no Novo Mundo*

Horário: 16h -18h

Comunicações paralelas

Mesa redonda II (7º Seminário Filosofia e Natureza): *Redução de riscos de desastres, responsabilidades e soluções sustentáveis para uma nova ética no uso das águas.*

Local: Auditório ADUFS

Mediador: Yaron Amaral (UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva – CODAP- PPGF/UFS

Profa. Dra. Michele Amorim Becker – DCOS/UFS

Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa – DCS/PPGS/UFS

Mesa redonda III: GEFILUFS

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Prof. Dr. Cristiano Bonneau (UFPB)

Palestrantes:

Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS): *M. Nicolelis e I. Zizek: A questão evolucionária*

Carlos Eduardo dos Santos Ramos (UFS): *Uma breve introdução à crítica do estruturalismo e a questão da escritura em Força e Significação de Jacques Derrida.*

Igor Prado Reis (UFS): *Comentários sobre a crítica de Zizek a Derrida sobre o problema da violência.*

José Alcides Hora Neto (PPGF/UFS): *No que consiste, afinal, a filosofia? Notas sobre a autocrítica de Louis Althusser.*

(Intervalo [18h - 19h]: Carleane dos Santos - Declamando Poesias. Local: Auditório ADUFS)

NOITE - MESA REDONDA DE FILOSOFIA E NATUREZA

Horário: 19h - 22h

Local: Auditório ADUFS

Mediador: Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva (CODAP/PPGF/UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Mauro Della Bandera A. Jr (UFPR): *O Mito da Exclusividade da Natureza Humana: Filosofia Moderna e Antropologia*

Prof. Dr. Evaldo Becker (DFL/PPGF/UFS): *Por uma nova Ética para o uso das Águas*

Prof. Dr. Cristiano Ramalho (UFPE), secretário nacional da pesca artesanal: *Por uma nova Ética para o uso das Águas.*

SEXTA-FEIRA (13/12/2024)

TARDE - MESAS E COMUNICAÇÕES

Horário: 13:30h - 15:30h

Comunicações paralelas

Sessão de comunicação I

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Vinicius Lima (UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Alexandro Chaves de Freitas dos Santos (UFS): *Poesia e educação em A República de Platão.*

(14:00 - 14:30): Laura Maria Nóbrega de Abreu (PPGF/UFS): *Afásias - de Lévinas a Sexto empírico.*

(14:30 - 15:00): Thatiane Santos Meneses (PPGF/UFS): *Górgias de Leontinos: sofista, retor e literato.*

(15:00 - 15:30): Elves Franklin Bispo de Araujo (UFS): *Ética e mística em Mestre Eckhart: o amor sem-porquê.*

Sessão de comunicação II

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Rayane Ribeiro (PPGF/UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Mariana Dias Pinheiro Santos (UFPR): *Thomas Hobbes e a linguagem criadora: das palavras ao pacto sobre o mundo.*

(14:00 - 14:30): Renata Prado Menighin (UFS): *O paradoxo de John Locke: liberdade e escravidão.*

(14:30 - 15:00): Daniele Pacheco do Nascimento (PPGLM/UFRJ – FAPERJ): *Responsabilidade coletiva na Filosofia Moral, em Descartes: uma análise sobre o bem agir e sobre possíveis fundamentos na luta contra o autoritarismo emergente.*

(15:00 - 15:30): Filipe de Almeida Silva (PPGF/UFS): *Tempo circular e história em Maquiavel.*

(15:30-16:00): Prof. Dr. Emerson Calistro de Souza: *A recepção do pensamento republicano de Maquiavel na contemporaneidade: o Maquiavel republicano de Claude Lefort.*

Sessão de comunicação III

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Geovanna Moura (UFS)

Expositores/as:

(13:30 - 14:00): Rosmane Gabriele Varjão Alves de Albuquerque (PPGF/UFS): *A filosofia política hegeliana no debate contemporâneo.*

(14:00 - 14:30): Rosângela Maia (PPGF/UFS): *Conexões entre Krenak e a epistemologia do ensino de filosofia com crianças.*

(14:30 - 15:00): Marcos Roberto Santos Pereira (PPGF/UFS): *O pequeno mundo do rap: colonialismo cultural e o erro do discurso pioneiro.*

(15:00 - 15:30): Nazito Pereira da Costa Júnior (PPGF/UFS): *Sobre a ética ensinada por Ptah-Hotep.*

(15:30-16:00) Emerson da Silva Santos (PPGF/UFS): *Breves notas sobre os problemas fundamentais da teoria do conhecimento em Karl Popper.*

MESAS REDONDAS

Horário: 16h - 18h

Comunicações simultâneas

Mesa redonda I: *O problema do critério: Julgamento e compromisso.*

Local: Sala 04 - Didática 6

Mediador: Marcos Vinicius Lima (UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Adilson A. Koslowski (DFL/UFS)

Prof. Dr. Deivide Garcia da Silva Oliveira (DFL/UFS)

Mesa redonda II: *Étienne Gilson: reflexões contra a sua apropriação pela Direita conservadora brasileira.*

Local: Sala 06 - Didática 6

Mediador: Vinicius Lima (UFS)

Palestrantes:

Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra – DFL/PPGF/PPGCR/UFS

Prof. Dr. Evaniel Brás dos Santos – DFL/PPGF/UFS

Prof. Dr. Romero Júnior Venâncio Silva – DFL/PPGCR/UFS

Mesa redonda III: *O homem anandros: manifestação, quantificação e reforma da virilidade na República de Platão (VIII, 548c-550c)*

Local: Sala 08 - Didática 6

Mediador: Geovana Andrade (UFS)

Palestrantes:

Prof.^a Dr.^a Flora de Carvalho Mangini (DFL/UFS)

Prof.^a Dr.^a Cecília Mendonça de Souza Leão Santos (DFL/UFS)

(Intervalo 18h - 19h)

NOITE - CONFERÊNCIAS

ABERTURA: *Apresentação musical de Emerson Calistro.*

Horário: 19h - 19:20h

CONFERÊNCIA: *Ética da IA e Medicina*

Horário: 19:20h - 20:30h

Local: Auditório do DFL **Mediador:** Prof. Dr. Deivide Garcia

Palestrante:

Prof. Dr. Steven Gouveia (U. Minho - Portugal)

ENCERRAMENTO: *Roda de samba com discentes do DFL*

Horário: 20:30h - 22h

Local: Auditório do DFL **Realização:** Filosofense Samba Club